ORGANIZADORES
Dayse Sampaio Lopes Borges
Thiago Soares de Oliveira

A MÚSICA E SEUS (EM) CANTOS NA EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

pimenta cultural

ORGANIZADORES
Dayse Sampaio Lopes Borges
Thiago Soares de Oliveira

A MÚSICA E SEUS (EM) CANTOS NA EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

2019 | São Paulo | pimenta cultural

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados
Copyright do texto © 2019 os autores e as autoras
Copyright da edição © 2019 Pimenta Cultural

Esta obra é licenciada por uma *Licença Creative Commons: by-nc-nd*. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

Comissão Editorial Científica

Alaim Souza Neto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Alexandre Antonio Timbane, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil
Alexandre Silva Santos Filho, Universidade Federal do Pará, Brasil
Aline Corso, Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, Brasil
André Gobbo, Universidade Federal de Santa Catarina e Faculdade Avantis, Brasil
Andressa Wiebusch, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Andreza Regina Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Angela Maria Farah, Centro Universitário de União da Vitória, Brasil
Anísio Batista Pereira, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Arthur Vianna Ferreira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Beatriz Braga Bezerra, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Bernadétte Beber, Faculdade Avantis, Brasil
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos, Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Cleonice de Fátima Martins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Daniele Cristine Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil
Dayse Sampaio Lopes Borges, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Delton Aparecido Felipe, Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Dorama de Miranda Carvalho, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Elena Maria Mallmann, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Elisiene Borges leal, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elizabete de Paula Pacheco, Instituto Federal de Goiás, Brasil
Emanoel Cesar Pires Assis, Universidade Estadual do Maranhão. Brasil
Francisca de Assiz Carvalho, Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Gracy Cristina Astolpho Duarte, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Handherson Leyltton Costa Damasceno, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Heloisa Candello, IBM Research Brazil, IBM BRASIL, Brasil
Inara Antunes Vieira Willerding, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Jacqueline de Castro Rimá, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Jeane Carla Oliveira de Melo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil

Jeronimo Becker Flores, Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Joelson Alves Onofre, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil
Joselia Maria Neves, Portugal, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Júlia Carolina da Costa Santos, Universidade Estadual do Maro Grosso do Sul, Brasil
Juliana da Silva Paiva, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil
Kamil Giglio, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Laionel Vieira da Silva, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Lidia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ligia Stella Baptista Correia, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Lucas Rodrigues Lopes, Faculdade de Tecnologia de Mogi Mirim, Brasil
Luciene Correia Santos de Oliveira Luz, Universidade Federal de Goiás; Instituto Federal de Goiás., Brasil
Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Marcio Bernardino Sirino, Universidade Castelo Branco, Brasil
Marcio Duarte, Faculdades FACCAT, Brasil
Marcos dos Reis Batista, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Maribel Santos Miranda-Pinto, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal
Marília Matos Gonçalves, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Marina A. E. Negri, Universidade de São Paulo, Brasil
Marta Cristina Goulart Braga, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Michele Marcelo Silva Bortolai, Universidade de São Paulo, Brasil
Midierson Maia, Universidade de São Paulo, Brasil
Patricia Bieging, Universidade de São Paulo, Brasil
Patricia Flavia Mota, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Patricia Mara de Carvalho Costa Leite, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Patrícia Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Ramofly Ramofly Bicalho, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Rarielle Rodrigues Lima, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Raul Inácio Busarello, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ricardo Luiz de Bittencourt, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil
Rita Oliveira, Universidade de Aveiro, Portugal
Rosane de Fatima Antunes Obregon, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Samuel Pompeo, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Tadeu João Ribeiro Baptista, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Tarcísio Vanzin, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Thais Karina Souza do Nascimento, Universidade Federal Do Pará, Brasil
Thiago Barbosa Soares, Instituto Federal Fluminense, Brasil
Valdemar Valente Júnior, Universidade Castelo Branco, Brasil
Vania Ribas Ulbricht, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Wellton da Silva de Fátima, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Wilder Kleber Fernandes de Santana, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Direção Editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eyng
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Ligia Andrade Machado
Imagens da capa	Freepik, macrovector/Freepik
Editora executiva	Patricia Bieging
Revisão	Organizadores e autores
Organizadoras	Dayse Sampaio Lopes Borges Thiago Soares de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A111 A música e seus (em) cantos na educação, cultura e sociedade. Dayse Sampaio Lopes Borges, Thiago Soares de Oliveira - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 96p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7221-093-5 (eBook)
978-85-7221-094-2 (brochura)

1. Música. 2. Educação. 3. Cultura. 4. Sociedade. 5. Aprendizagem. I. Borges, Dayse Sampaio Lopes. II. Oliveira, Thiago Soares de. III. Título.

CDU: 78
CDD: 780

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766-2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2019

SUMÁRIO

PREFÁCIO 6

CAPÍTULO 1
ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE:
a música rompendo muros 9
Dayse Sampaio Lopes Borges
Thiago Soares de Oliveira

CAPÍTULO 2
A CIDADE E A VIDA MODERNA:
uma proposta da utilização de músicas
populares brasileiras como recurso
metodológico para o estudo de Sociologia
e História no Ensino Médio 31
Wallace da Silva Mello

CAPÍTULO 3
OS IMPACTOS POSITIVOS DA MÚSICA
NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL 51
Vinicius da Silva Freitas

CAPÍTULO 4
A MÚSICA E SUA CONEXÃO
PARA O BEM-ESTAR DO SER HUMANO 68
Dayse Sampaio Lopes Borges
Maria de Lourdes Ferreira Medeiros de Matos
Alcemar Antônio Lopes de Matos
Fernanda Castro Manhães
Carlos Henrique Medeiros de Souza

ÍNDICE REMISSIVO 90

SOBRE A ORGANIZADORA E O ORGANIZADOR 93

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS 94

PREFÁCIO

Prefaciar uma obra, por si só, não me parece uma tarefa fácil, porque não se podem esgotar numa simples apresentação as expectativas porventura depositadas num objeto de leitura que visa, dentre outros intuitos, à divulgação do conhecimento produzido por diversos pesquisadores. E parece-me que tudo (ou parte do) que se espera de um livro, de fato, não deve ser aqui refletido à exaustão, se é que isso é possível, cabendo a cada leitor mergulhar nas águas do riacho que lhe é apresentado.

Inicialmente, não posso deixar de mencionar a profícua parceria com a Professora Dayse Sampaio Lopes Borges, pesquisadora com quem tive o prazer de organizar esta obra, além desenvolver outros trabalhos em áreas diversas do conhecimento. É óbvio que, quando conheci a docente há alguns anos, não estava em gestação o livro *A música e seus (em)cantos na Educação, Cultura e Sociedade*, agora publicado pela Editora Pimenta Cultural e do qual são componentes quatro capítulos cujas peculiaridades, embora estejam circunscritas a uma temática previamente definida, representam, na verdade, uma linha de pensamento bastante autoral.

O capítulo 1, cuja autoria se atribui aos próprios organizadores da obra, sendo intitulado *Ensino e Interdisciplinaridade: a música rompendo muros,* é o primeiro que compõe o sintético rol no qual se encontram registradas pesquisas e concepções caras às searas da Educação e do Ensino. Partindo de breves discussões teóricas e conceituais a respeito da interdisciplinaridade, o trabalho objetiva reunir, por meio da pesquisa bibliográfica, algumas experiências interdisciplinares exitosas de utilização da música no processo de ensino-aprendizagem, apontando, ao fim, a relevância de se incorporarem à sala de aula elementos que compõem o cotidiano do aluno, dentre eles a música. Em síntese, o capítulo trabalha a perspectiva de que a música pode romper os muros da escola.

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935.6-8

O capítulo 2, escrito por Wallace da Silva Mello, foi intitulado como *A cidade e a vida moderna: uma proposta da utilização de músicas populares brasileiras como recurso metodológico para o estudo de Sociologia e História no Ensino Médio.* Nessa pesquisa, o objetivo central é discutir possibilidades de utilização da Música Popular Brasileira (MPB) no ensino de História e Sociologia no Ensino Médio. Buscando o desenvolvimento de técnicas para auxiliar a docência na educação básica, o autor delineia uma perspectiva interdisciplinar a partir da reflexão sobre temas contemporâneos, tendo em vista a necessidade de se garantir ao discente a capacidade de ler a sociedade autônoma e criticamente.

O capítulo 3, por sua vez, foi escrito por Vinicius da Silva Freitas, recebendo o título *Os impactos positivos da música nas atividades físicas de estudantes do ensino fundamental*. Com o objetivo de investigar mais profundamente os efeitos da música em um ambiente escolar, na disciplina de Educação Física, o manuscrito se organiza na forma de uma revisão integrativa de literatura que demonstra a existência de uma relação positiva entre a música e as taxas de atividade física, as quais, submetidas a análises experimentais em contextos próprios, sugerem que o uso da música ajuda a organizar o comportamento discente durante as atividades motoras; isso, porém, é apenas um dentre os diversos benefícios possíveis com utilização da música.

O capítulo 4, último da obra prefaciada, denomina-se *A Música e sua conexão para o bem-estar do ser humano*, sendo resultado da parceria acadêmica entre Dayse Sampaio Lopes Borges, Maria de Lourdes Ferreira Medeiros de Matos, Alcemar Antônio Lopes de Matos, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros de Souza. O manuscrito, a partir de uma pesquisa bibliográfica, objetiva investigar a música e sua conexão para promover o bem-estar dos seres humanos, considerando que a música promove alegria, motivação, satisfação, entre outros sentimentos da emoção, o que

corrobora algumas pesquisas que apontam para uma relação com o bem-estar humano. Ao fim, os resultados de fato comprovaram que a música promoveu emoções, motivações e relaxamento nos sujeitos das pesquisas selecionadas.

Nesta simples apresentação, percebo que, mesmo em obediência a uma temática pré-determinada, as peculiaridades dos trabalhos se desvelam por meio dos caminhos teóricos adotados, da condução do tema, da base teórica selecionada, do estilo próprio de escrita dos autores, caracterizando os manuscritos como verdadeiras peças de um grande quebra-cabeça do conhecimento, que merece ser montado e desmontado ao gosto do leitor. Considerando a linha de pensamento desenvolvida, a extensão da obra mostra-se como um ponto positivo, ao contrário do que se poderia pensar a princípio. Basta perceber que o fato de ser compacta e de compartilhar uma afinidade temática, o leitor tem em mãos, na verdade, um instrumento de conhecimento que pode ser acessado de forma ligeira, porque leva em consideração o tempo que a todos falta no dia a dia.

Boa leitura a todos!

Thiago Soares de Oliveira

1

Dayse Sampaio Lopes Borges
Thiago Soares de Oliveira

ENSINO E INTERDISCIPLINARIDADE: a música rompendo muros

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935.9-30

Resumo: Partindo de discussões teóricas acerca da interdisciplinaridade, bem como do surgimento dessa concepção, este trabalho tem o objetivo de reunir algumas experiências exitosas a respeito do uso da música no processo de ensino-aprendizagem. Dada a fonte donde advêm os dados, adota-se a pesquisa bibliográfica como a metodologia capaz de conta do objetivo delimitado. Ao fim, conclui-se que a utilização da música no processo de ensino-aprendizagem promove muitas possibilidades de efetiva retenção de conteúdos e aprendizado, conforme aponta a pesquisa teórica. Contudo, a grande contribuição está na incorporação à sala de aula de um elemento que já compõe com o cotidiano discente.

Palavras-chave: Ensino.Interdisciplinaridade. Música.

Considerações Iniciais

Questões relacionadas à aplicação de pressupostos interdisciplinares têm estado em relevo quando se fala de ensino-aprendizagem. Considerando-se previamente discussões teóricas, filosóficas, epistemológicas e conceituais a respeito do termo "interdisciplinaridade", surge, dentre várias, uma possibilidade concreta de projeto em que disciplinas estejam em constante atividade interativa: a utilização da música[1] no processo de ensino-aprendizagem.

De fato, pesquisas recentes apontam para essa possibilidade. Na área de Ciências, por exemplo, o artigo de Borges e Almeida (2005) constatou que, com a utilização da música, especificamente de paródias, como estratégia mnemônica na Educação de Jovens e Adultos, houve uma maior compreensão de conteúdos de Biologia, além do desenvolvimento diversas habilidades. Esse assunto foi aprofundado, com bastante rigor acadêmico, na dissertação de mestrado de Borges (2018), cujo resultado da pesquisa experimental apontou para o fato de que a paródia musicalizada proporciona o armazenamento de informações por horas, dias ou semanas, na medida em que promove uma atuação efetiva da memória de trabalho ativa, além de outras constatações.

Nesse sentido, este trabalho objetiva, a partir da consideração de pressupostos interdisciplinares, reunir algumas experiências exitosas a respeito do uso da música no processo de ensino-aprendizagem, sem desconsiderar que, para tanto, é pressuposta uma interação entre disciplinas, sendo a Música uma delas. Em razão da própria fonte de dados a que se recorre para a tessitura deste trabalho, a pesquisa bibliográfica apresenta-se como metodologia

1. Nesse trabalho, Música (com inicial maiúscula) faz referência à disciplina; já música (com inicial minúscula), quando é sinônimo de canção.

capaz de dar conta do objetivo proposto. A base teórica principal que sustenta as exposições e os argumentos apresentados ampara-se, em grande parte, em trabalhos especializados de publicação recente, ressalvados, por óbvio, outros que se façam necessários por força de autoridade ou reconhecimento de área.

Por fim, é preciso mencionar que, por existirem diversos trabalhos abordando a temática, o tema desenvolvido torna-se ainda mais complexo, merecendo outras reflexões e percepções. Isso permite afirmar que, aqui, não se pretende exaurir o assunto, mas proporcionar outro ponto de vista agregador de conhecimento, além de funcionar como incentivo à continuidade das pesquisas que envolvam o ensino.

Ensino interdisciplinar: da concepção ao desejável

Discorrer a respeito da relação entre a interdisciplinaridade e a ensino, duas áreas cujos estudos têm sido desenvolvidos sob diferentes perspectivas teóricas, é tarefa complexa e sempre inacabada, já que a inter-relação entre disciplinas desperta interesse no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, ou seja, de certa forma, espera-se uma educação interdisciplinar.

No entanto, antes mesmo de entender ou discutir propriamente o conceito de interdisciplinaridade[1], é preciso ter mente que tal concepção apenas se torna possível a partir da existência de uma disciplinaridade, seja como palavra primitiva seja como conceito

1. Após apresentar alguns dos principais pressupostos a respeito do conceito de interdisciplinaridade, Fazenda (2011, p. 69) entende que "existe uma variação no nome, no conteúdo, na forma de atuação [...], que existe uma preocupação em definir a terminologia adotada, embora essa definição baseie-se em diferentes pressupostos". Por esse motivo, não se pretende dar foco à conceituação terminológica. Cf. Fazenda (2011). Aliás, o entendimento de que não há um consenso sobre conceitos fora registrado tanto por Gattás e Furegato (2006), em artigo de atualização, quanto por Pombo (2008), ao discutir a epistemologia da interdisciplinaridade.

prévio, noção que está ligada à especialização das áreas e à fragmentação do saber, conforme aponta Gusdorf (1976) ao relacionar o desenvolvimento disciplinar do conhecimento à perda de contato com a realidade humana. Na verdade, a preocupação do autor, a princípio, baseia-se no que ele entende como uma crise na civilização contemporânea, a qual acaba retornando a um saber unificado cujo efeito causa uma dissociação entre a existência humana e o mundo, ou seja, uma "patologia do saber" (GUSDORF, 1976).

A rigor, a reflexão a respeito do "fenômeno interdisciplinar", expressão utilizada por Japiassu (1976), não parte de uma preocupação imediata com o ensino[1], e sim de uma discussão teórica restrita a especialistas; não apenas para simples troca de dados, mas com o objetivo de propor elementos fundamentais para um pensamento acerca de como os conhecimentos interdisciplinares são produzidos, elaborados e conduzidos em "condições reais" que possibilitassem a instauração de uma metodologia capaz de promover, em suma, uma convergência entre a filosofia e uma concepção unitária do fenômeno humano. A intenção era de que o "empreendimento" estivesse associado às características (tanto sociais quanto intelectuais) da comunidade científica, ou seja, da comunidade de pesquisadores.

Talvez seja justamente por isso que Japiassu (1976) agia, pensa-se, com deferência a intelectuais do século XX, época quando foi gestada a obra *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.* A intenção era organizar encontros que proporcionassem trocas de críticas e de informações,

1. Por força do Comunicado Conjunto n. 001/2013, emitido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), após debate em relação às sintonias existentes entre as áreas de Educação e de Ensino, concluiu-se, dentre vários pontos, que, mesmo sendo áreas distintas, é relevante que ambas "desenvolvam ações articuladas visando, cada vez mais, ao impacto de ações na sociedade, ao aprimoramento dos Programas de Pós-Graduação e à proposição de políticas públicas de políticas comuns" a elas (BRASIL, 2013, p. 3).

> Em que explodem as 'ilhas' epistemológicas mantidas pela compartimentação das instituições ainda às voltas com as 'fatias do saber', em que as comunicações entre especialistas reduzem os obstáculos ao enriquecimento recíproco, em que os conflitos, o espírito de concorrência e propriedade epistemológica entre os pesquisadores devem ceder o lugar ao trabalho em comum de busca de *interação*, entre duas ou mais disciplinas, de seus conceitos diretrizes, de sua metodologia, de sua epistemologia, de seus procedimentos, de seus dados, bem como da organização da pesquisa e do ensino que dela possa decorrer (JAPIASSU, 1976, p. 32).

Ao que parece, o pensamento desenvolvido por Japiassu (1976), ainda que não tivesse em vista o ensino de forma precípua, deixa uma "lacuna" que permite a aplicação do conceito a partir da organização de uma pesquisa prévia1, que parece figurar como ponto mais relevante, pelo menos em registro, quando se trata da diminuição de obstáculos que possam porventura reduzir o enriquecimento recíproco que parte da interação, mas não apenas dela. Ao reunir os representantes das "fatias do saber" por meio de uma proposta comunicativa, o resultado supostamente seria diminuir, senão dirimir, os diversos pontos que impedem que duas ou mais disciplinas interajam, pressuposto este que ampara a proposta de ruptura com as "ilhas epistemológicas" que a própria Academia acaba por criar a partir do processo de especialização do conhecimento, isolando-o, por consequência.

Isso, contudo, parte de um efeito de pensar gradativo, porque, antes mesmo de aventar uma possibilidade relativa ao ensino, o pensamento desenvolvido se escora na pesquisa inicialmente de caráter acadêmico. E, a rigor, não há problemas nisso. A gradação que sustenta a necessidade de um processo interativo entre disci

1. Neste ponto, a expressão "pesquisa prévia" é utilizada com alusão ao fato de que Japiassu (1976) supostamente estivesse mais interessado nos pontos relacionados à pesquisa do que nos resultados que dela pudessem emanar, apesar de um parco registro a respeito disso, como se pode nota na citação em recuo. A questão é que a mera menção à palavra "ensino" não desvia o foco do autor, o que pode ser evidenciado quando ele mesmo elenca fatores de concorrência entre as disciplinas, e não de interação, como realmente pretendia.

plinas parte, primeiramente, de uma "comunicação" que visa ao reconhecimento de um pressuposto pelos pares científicos para que, em seguida, seja pensada uma aplicação dos efeitos práticos da aceitação de existência de um fenômeno que se pressuponha interdisciplinar. Ainda dentro do processo gradativo de pensamento do autor, a interação, elemento que "move" a nova discussão, toma destaque, juntamente como outros fatores caros ao meio acadêmico, como conceitos-diretrizes, metodologia, epistemologia, procedimentos, etc. Apesar de compreender que o interdisciplinar deve ser pensado no contexto do que denomina de "pesquisas orientadas", Japiassu (1976, p. 32) registra que há uma intencionalidade de "resolução de um problema cujo enfoque teórico está de algum modo ligado ao da ação ou da decisão".

Nesse sentido, não se tem aqui uma crítica ao passo a passo formativo de um fenômeno, mas uma análise de seu "processo gestacional", que, por sinal, merece ser compreendido a fim de registrar que, na abordagem interdisciplinar, os especialistas reveem conjuntamente uma teoria (disciplina) para, em seguida, debater acerca de conceitos oriundos das áreas do saber, consoante assevera Minayo (2010). Isso não basta, todavia.

> É preciso lembrar que no tratamento de um objeto de forma interdisciplinar de acordo com sua especificidade existem várias nuances: (1) sempre uma disciplina terá prioridade sobre outras por ser a que tem mais tradição, história e acúmulo de conhecimento sobre o assunto; (2) é evidente que essa preeminência não pode se constituir na anulação da contribuição das outras disciplinas; (3) o trabalho interdisciplinar nunca deve pospor a contribuição que vem de uma disciplina; (4) e na articulação entre disciplinas, é preciso que cada uma das áreas apresente conceitos e teorias capazes de ampliar e complexificar a compreensão do objeto. Costumo dizer que dois ou três pesquisadores ou professores fracos em suas matérias jamais produzirão um bom trabalho interdisciplinar, uma vez que a relevância do conhecimento vem sempre *das disciplinas* em colaboração (MINAYO, 2010, p. 439).

Nessa linha de raciocínio, destaca-se a relevância da necessidade de uma consistência teórica disciplinar dos indivíduos envolvidos com a produção de um trabalho interdisciplinar, até porque, obviamente, sendo resultado da interação entre disciplinas, *grosso modo*¸ não se pode esperar que um projeto interativo se escore em bases infirmes. Além do mais, a prevalência de uma disciplina sobre outra não deve ser impeditivo para o desenvolvimento do projeto interdisciplinar, justamente porque, nesse processo interativo, não há a anulação ou apagamento da outra área do conhecimento. O que se nota, nesse sentido, é que tal processo de "interação" mais se aproxima de uma relação entre disciplinas de modo que cada qual possa contribuir para a compreensão do fenômeno complexo, evitando a fragmentação do saber, que, naturalmente, seria resultado de projeto puramente disciplinar, do que um rompimento entre as "fronteiras" disciplinares. Estas, ao contrário, são mantidas para efeitos da própria interação que se busca.

Entendida a questão interativa como componente natural da interdisciplinaridade, adota-se o entendimento de que esse "fenômeno"[1], essa "teoria ou método"[2], essa "consciência interdisciplinar"[3], essa teoria[4] propriamente dita, é desejável no ensino em geral, não apenas porque "a interdisciplinaridade é condição também para a prática social", mas também porque "a questão aqui se torna ainda mais crucial, dado o efeito multiplicador da ação pedagógica" (SEVERINO, 1998, p. 41). E não apenas por isso, assim como pelo fato "de serem os processos educativos constituídos nas e pelas relações sociais sendo eles mesmos constituintes destas relações",

1. Referência à nomenclatura utilizada por Japiassu (1976).

2. Expressão da qual Minayo (2010) se vale para aludir à interdisciplinaridade.

3. Concepção de Gusdorf (1976), em registro no prefácio da obra de Japiassu (1976).

4. Entendimento de Fazenda (1998; 2017), apesar da ressalva sobre a existência de uma variação terminológica (FAZENDA, 2011).

como destaca Frigotto (2008, p. 42), segundo o qual a interdisciplinaridade desponta tanto como uma necessidade quanto como um problema, especialmente no campo educacional, *lócus* onde tal conceito não deve ser visto nem como método de investigação nem como uma questão técnico-didática.

Com efeito, Frigotto (2008, p. 42) assimila a questão interdisciplinar como uma necessidade, por ser "algo que historicamente se impõe como imperativo"; como um problema, por ser "algo que se impõe como desafio a ser decifrado", alargando o conceito de interdisciplinaridade, do mesmo modo como foi necessário o alargamento do conceito de ciência, que é predominantemente analítica, mas passou a se atentar às novas complexidades (POMBO, 2008). Ocorre que, apesar de a especialização ser uma tendência da ciência moderna, conforme ressalta Pombo (2004), tal autora também registra que a superação do caráter disciplinar pode ser identificada no pensamento científico, justamente pela necessidade, especialmente a partir da segunda metade do século XX, de uma reciprocidade entre as relações disciplinares, sem falar nas questões relativas a transferências de conceitos entre áreas do saber, métodos e problemas.

A problemática que se levanta (mais do que conceitual, filosófica ou epistemológica) é relativa ao ensino, porque

> A escola, como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo (THIESEN, 2008, p. 550).

De fato, considerando o ritmo das mudanças que ocorrem nas áreas do conhecimento em geral, que vêm sendo reestruturadas, diferentemente não ocorreria com a escola. E, segundo o

próprio Thiesen (2008), há um esforço institucional incipiente na direção de desenvolver experiências verdadeiramente interdisciplinares no ambiente escolar; no entanto, limitações de diversas naturezas aparecem como entraves nesse processo, podendo-se destacar o modelo disciplinar de formação recebida nas universidades, a forma fragmentária de estruturação dos currículos escolares, a lógica (funcional e racionalista) utilizada na organização do quadro técnico e docente, a resistência dos próprios educadores, sem falar nos setores da sociedade que acreditam numa insistência utilitarista do saber (THIESEN, 2008).

Como cada um dos pontos mencionados acima merece separadamente um desdobramento, o que extrapola o objetivo delimitado para esta pesquisa, finaliza-se este tópico com uma ressalva de Fazenda (2017), que pontua a importância de se notar que a escola tem se tornado um lugar onde a aptidão e a criatividade dos indivíduos não têm sido observadas, criando a falsa ideia de que tal ambiente não é reservado a todos os indivíduos. Para isso, a autora se vale do exemplo da própria neta, Sofia, que primeiramente foi alfabetizada em música, para depois se alfabetizar pelas palavras, embora já demonstrasse precocemente uma inteligência musical, o que não foi compreendido pela escola; a menina, por isso, pensava que a escola não era para ela. Para Fazenda (2017. p. 35), Sofia representa cada um dos indivíduos não compreendidos naquilo que tinham de melhor, porque, “dentro de uma visão disciplinar, a disciplina rígida, [a escola] iguala nós todos como se nós todos fôssemos iguais”. Assim, pela música, inicia-se o tópico seguinte.

A utilização da música no ensino: uma possibilidade exequível

A música está presente no contexto da humanidade desde tempos muito remotos. McClellan (1994, p. 7) relata que “uma

ocarina de argila com cinco orifícios, atesta uma música florescente" (*sic*), com registro datado de antes de Cristo. Concorda com essa afirmação o pesquisador Granja (2010, p. 21), ao afirmar que "desenhos de instrumentos musicais nas cavernas, flautas feitas de ossos e outros indícios mostram que a música é praticada pelo homem há muito tempo". Na antiga civilização grega, a Música ocupava lugar de destaque ao fazer parte do currículo *Quadrivium*[1] (GRANJA, 2010). É possível encontrar na história, indícios e escritos sobre a música e o seu lugar de importância dentro da sociedade como

> Nos templos do Egito, da Grécia e de Roma, os sacerdotes entoavam encantamentos enquanto administravam remédios aos doentes [...]. Na antiga China, o imperador reunia seus músicos e astrólogos, ambos membros do Departamento Imperial de Pesos e Medidas, e ordenava-lhes que determinassem o comprimento exato das Flautas Imperiais para garantir que a música tocada durante o seu reinado estivesse de acordo com os corpos celestes [...]. O cientista grego Pitágoras libertava a mente de seus discípulos das preocupações do dia a dia tocando música [...]. O legendário Orfeu, filho de Apolo, conseguir apaziguar as feras da floresta e influenciar os deuses unicamente com o poder da canção. [...] Nos antigos reinos da Assíria, Babilônia, Suméria e Egito, os músicos eram sacerdotes [...]. (MCCLELLAN 1994, p. 11).

É fato que a função da Aritmética, da Geometria, da Música e da Astronomia no ensino é distinta da que se praticava na antiga Grécia, na época do *Quadrivium*. Na verdade, em se tratando da Música, houve uma perda de *status* que lhe fora conferido no passado; a sua significância e influência sobre o ser humano, porém, não pode ser contestada. Tame (1984, p. 25) ratifica esse pensamento quando diz que "com o passar dos séculos perderam-se ou se esqueceram os pormenores do antigo misticismo da música", mas alerta que

1. *Quadrivium* – O mais alto currículo da antiga Grécia formado pelo conjunto das 4 disciplinas que poderiam formar plenamente um cidadão: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Os antigos gregos, influenciados por Pitágoras, consideravam que, na natureza, tudo era número. O cidadão que fosse formado por essas 4 disciplinas era um cidadão completo (GRANJA, 2010).

> Isso quer dizer que, na relativa falta de importância que o homem do século XX atribui à música, a nossa civilização subsiste virtualmente só. Se isto é ou não o resultado da maior sabedoria e progresso do homem moderno, ou se é o resultado de uma visão supermaterialista do mundo e de uma ignorância especial, continua a ser uma questão controvertida (TAME, 1984, p. 25).

O fato é que teóricos da atualidade têm afirmado que a música tem um potencial que propicia um viés interdisciplinar para o ensino-aprendizagem (TAME, 1984; GAINZA, 1988; MCCLELLAN, 1994; JOURDAIN, 1998; SEKEFF, 2007; SNYDERS, 2008; SACKS, 2012). Sekeff (2007, p. 67), por exemplo, afirma que a "música não fala, não diz, não pensa, não significa, como se sabe; mas, por outro lado, ela co-move por meio de se(s) sentido(s), simplesmente se mostrando. Ela seduz o ouvinte possuindo-o na escuta de suas estruturas poéticas". Jourdain (1998, p. 364), por sua vez, registra que "o cérebro sente, percebe, analisa, associa, lembra, planeja, produz, origina e anota cada aspecto da música, seja harmonia, melodia, metro ou forma mais ampla". Ainda sobre a utilização da música, ela

> Nos tira de nossos hábitos mentais congelados e faz nossas mentes se movimentarem como habitualmente não são capazes. Quando somos envolvidos por música bem escrita, temos entendimentos que superam os da nossa existência mundana e, em geral, estão além da lembrança, quando a música cessa (a menos que nos lembremos da própria música). Quando o som para voltamos para nossas cadeiras de rodas mentais (JOURDAIN, 1998, p. 383).

Nesse ponto, vale mencionar que Snyders (2008, p. 69) assevera que "a música possui um caráter patético, apaixonante, ela nos 'morde' – e é por isso que ela chega [...] a se impor a todos, mesmo àqueles que não têm muita familiaridade com ela". O autor ainda considera que, por meio dela, a comunicação entre as pessoas pode ser aberta a partir de uma via específica. Ademais, ela é "portadora de esperança quando chega a opor sua própria forma ao sentido do texto, quando este leva ao abandono" (SNYDERS, 2008. p. 119).

Voltando-se à questão do ensino, Snyders (2008) destaca que a

> Música pode dar um impulso exemplar à interdisciplinaridade, fazendo vibrar o belo em áreas escolares cada vez mais extensas. [...] É sem dúvida em música que os gostos dos jovens são mais intensos; primeiro em extensão: como o esporte, a música é a forma de cultura que toca a maioria dos jovens, na qual a maioria dos jovens investe mais tempo e mais dinheiro; em seguida em profundidade: os alunos possuem uma cultura musical mais rica, mais estruturada, têm preferências e escolhas mais firmes em música do que nas outras áreas culturais; enfim em ligação: creio que, em seu conjunto, eles gostem ainda mais da música do que dos filmes que apreciam. [...] o gosto pela música constitui uma das forças mais vibrantes da vida dos jovens, um de seus componentes mais cheio de promessas. O gosto pela música não precisa lhes ser inculcado; muitos e muitos já o vivem (SNYDERS, 2008, p. 138).

Isso permite afirmar que a música é significativa e afeta os seres humanos. Aliás, dependendo do que se escuta, há uma mudança nos níveis de energia do indivíduo, conforme Borges e DaMatta (2018a, p. 167). Tais professores ainda pontuam que "a música motiva ou deprime, excita ou oprime, produz alívio entre outros sentimentos". Então, "a música emociona, causa impacto e é concreta, simboliza, representa, evoca, entre outros" (BORGES e DAMATTA 2018a, p. 155). Nesse sentido, a partir desses "gatilhos" apontados pelos autores, vislumbra-se uma possibilidade de aproximação em relação ao aluno, o que começa pela comunicação. Com isso, pode-se adentrar mais especificamente na função da música o ensino-aprendizagem.

A rigor, a música possibilita o acesso e a retenção de informações pela memória, o que pode ser verificado no trabalho de Borges e DaMatta (2018a), que trata da relação entre a música e a retenção de informações, tudo com base na Teoria do Processamento da Informação, segundo a qual, para haver retenção de informações

na memória de longo prazo[1], é preciso dar atenção à informação no momento em que ela chega à memória sensorial[2]. Quando se promove essa atenção, portanto, as informações que chegam à memória sensorial, por meio da música, são retidas e enviadas à memória de longa duração. Esse resultado apontado por Borges e DaMatta (2018a) encontra respaldo, inclusive, nas pesquisas do neurologista e neurocientista Sacks (2012), o qual afirma que algumas músicas "ficam na cabeça", circulando na mente em constante repetição. Em um trecho do seu livro *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*, o autor escreve que

> A música entrou e subverteu uma parte do cérebro, forçando-o a disparar de maneira repetitiva e autônoma (como pode ocorrer com um tique ou uma convulsão). Um *jingle* publicitário ou a música-tema de um filme ou programa de televisão podem desencadear esse processo para muitas pessoas. Isso não é coincidência, pois a indústria da música cria-os justamente para 'fisgar' os ouvintes, para 'pegar' e 'não sair da cabeça', introduzir-se à força pelos ouvidos ou pela mente como uma lacraia. Vem daí o tempo em inglês *earworms* (algo como 'vermes de ouvido'), se bem que até poderíamos chamá-los de *brainworms*, ou 'vermes de cérebro' (em 1987 uma revista jornalística, para gracejar, definiu-os como 'agentes musicais cognitivamente infecciosos') (SACKS, 2012, p. 53).

Sem dúvida, com as constatações de teóricos a respeito de a música influenciar efetivamente os seres humanos, é desejável que seja utilizada no ambiente escolar, no processo de ensino-aprendizagem, até porque utilizar a música no processo educacional possibilita muitas vias de aprendizagem, e seu uso "ajuda a lembrar grandes quantidades de informação" (SACKS, 2012, p. 251). E há muitas formas de a Música caminhar lado a lado com o processo educacional. Note-se que

> As músicas populares estão associadas a movimentos culturais populares e criam modismos e tendências. Cotidianamente é tocada

1. Memória de Longo Prazo – Acontece "quando a informação tornou-se detalhada na memória, considera-se uma memória permanente, também chamada de memória duradoura" (BORGES, 2018, p. 39).

2. Memória Sensorial – "As memórias sensoriais são transitórias, duram segundos ou menos, apenas o necessário para que o cérebro reconheça a nova informação" (BORGES, 2018, p. 38).

> em festas e usada para dança, socialização, estando acessível nos celulares dos jovens, Incluir música popular em práticas pedagógicas auxilia na ampliação e sistematização de conhecimentos, já que se está utilizando algo de que os jovens gostam (BORGES e DAMATTA, 2018b, p. 138).

Em 18 de agosto de 2008, foi aprovada a lei nº 11.769, que instituiu a Música como conteúdo obrigatório nas escolas de ensino fundamental e médio. A aprovação da lei, obviamente, não encerrou as discussões e ações que a área de educação musical vem empreendendo ao longo, pelo menos, das três últimas décadas. Ao contrário, parece ter mobilizado mais fortemente não só pesquisadores, formadores e professores de música, mas também uma diversidade de pessoas, envolvidas, de diferentes formas e a partir de diferentes perspectivas, com o tema em questão. Porém, o que se constatou, ao longo desse tempo, é que não foi possível o cumprimento da lei nº 11.769 em todas as escolas, pela falta do profissional qualificado e por diversas outras situações.

Em certa medida, contudo, a Música (disciplina) tem sido inserida no contexto da educação básica em diversas práticas pedagógicas, tornando-se um bom recurso didático com a possibilidade do trabalho interdisciplinar. Segundo Snyders (2008, p. 138), "o ensino de música pode dar um impulso exemplar à interdisciplinaridade, fazendo vibrar o belo em áreas escolares cada vez mais extensas", pois os jovens de maneira em geral gostam de ouvir música e com ela se identificam. A escola, ao utilizar a música como um recurso didático-pedagógico, possibilita que o processo de ensino-aprendizagem seja mais prazeroso, porque há, segundo sustenta Snyders (2008), uma estreita relação entre a música e a palavra.

> Parece-me, assim, que música e palavra podem enriquecer-se mutuamente sem procurar exprimir-se uma através da outra. Nossa alegria provém do fato de que dois tipos de significações, dois modos de abordagem do mundo, tão frequentemente diferentes, separados e até opostos, se associem na música; nesta primeira aproximação, poderemos ajudar os alunos a perceber que a espera

> é a de uma mensagem que será ao mesmo tempo ideia e emoção, que vai fortalecer a emoção com a associação e a ordenação da ideia (SNYDERS, 2008, p. 102).

Ao que parece, a afirmação de Snyders (2008) continua atual, o que pode ser comprovado em pesquisa interdisciplinar recentemente realizada, por Borges e DaMatta (2019), os quais utilizaram a música "Herdeiros do Futuro1" associada ao Método Cooperativo *Jigsaw*[2]. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública estadual do Espírito Santo, no ano de 2017, sendo direcionada a alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio e a seus respectivos professores. Para a coleta de dados dos estudantes, utilizaram-se um questionário pré-teste e um pós-teste. Para os professores, utilizou-se um questionário de caracterização de sujeitos, seguido de uma conversa informal com os docentes, após a aplicação do que fora planejado. Os professores relataram que "sempre ouviram falar em interdisciplinaridade, porém nunca tiveram um trabalho direcionado como o realizado. Na concepção dos professores, os alunos também gostaram muito. [...] houve um ambiente de motivação e alegria" (BORGES e DAMATTA, 2019, p. 146). Após a realização dos, constatou-se

> A eficiência da metodologia utilizada, na qual se associou a música 'Herdeiros do Futuro' ao método cooperativo Jigsaw, para a promoção da conscientização e aprendizagem de conceitos de Biologia, com diálogos interdisciplinares. De acordo com a comparação do pré-teste e pós-teste, após a aplicação da metodologia, constatou-se maior índice de respostas consideradas conscientes às perguntas realizadas (BORGES e DAMATTA, 2019, p. 147).

1. Música Herdeiros do Futuro (autoria de Toquinho e Elifas Andreato) foi composta para o disco "Toquinho e convidados", em 1997. Disponível em: https://www.letras.mus.br/toquinho/87255/

2. Método Cooperativo *Jigsaw* – Um método de aprendizagem cooperativa. A palavra *Jigsaw* significa quebra-cabeça. Nesse método, formam-se grupos de 4 pessoas, e cada integrante recebe uma atividade ou um texto individual. Em um segundo momento, forma-se a segunda etapa com os integrantes de cada grupo que estiver com o mesmo texto. Em um terceiro momento, retorna-se ao grupo base. Com essa formação de grupos, os integrantes têm oportunidade de interagir cooperativamente para construir o seu conhecimento. Todos integrantes do grupo têm o contato com os textos individuais e discutem sobre o texto, em uma atividade de cooperação (BORGES e DAMATTA, 2019).

Além da pesquisa mencionada, outras apontam o caminho interdisciplinar possível a partir da utilização da música. Exemplo disso é o trabalho de Silveira e Kiouranis (2008), autores que realizaram três minicursos em Encontros de Química envolvendo alunos-docentes e professores de Química; isso com o objetivo de discutir sobre estratégias e refletir sobre as contribuições da música para melhorar o ensino dessa ciência. Nos minicursos, foram criadas paródias de músicas populares com os conteúdos de Química. Ao fim, os pesquisadores concluíram que a música

> Pode fazer um segundo caminho que não o da aula expositiva, aumentando a sensibilidade e a criatividade em se fazer relações entre o contexto da música refletido na letra que a compõe e o conhecimento científico. [...] As atividades desenvolvidas nos remetem à conclusão de que a música como abordagem de conhecimento químico dificilmente é incorporada nas estratégias de ensino mais recomendadas, contudo, entendemos que ela se revela absolutamente útil na interpretação de mensagens do cotidiano que têm significado científico, social e tecnológico (SILVEIRA e KIOURANIS, 2008, p. 31).

Acrescente-se a essa, a pesquisa realizada por Barros, Zanella e Araújo-Jorge (2013) com 32 professores da educação básica das disciplinas de Ciências Naturais e Biologia. Para o levantamento de dados, os professores responderam a um questionário sobre as suas concepções em relação à música ser uma estratégia para o ensino. Ao fim, foi

> Possível entender a música como um recurso didático com caráter lúdico para instaurar um processo significativo e instigador no ensino de Ciências Naturais e de Biologia. Por meio da união entre o saber e as canções, os professores poderão realizar um elo entre o conhecimento e a descontração, aproximando o conhecimento artístico do conhecimento científico. É necessário que os professores se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo. Dessa forma, poderão procurar e reconhecer todos os meios que têm em mãos para criar, à sua maneira, situações inovadoras de aprendizagem. Enfim, a utilização da música como instrumento facilitador do processo ensino-aprendizagem por professores de Ciências Naturais e Biologia deve ter o seu uso possibilitado e incentivado em sala de aula (BARROS, ZANELLA ARAÚJO-JORGE, 2013, p. 93).

Por fim, diante de tantas confirmações da possibilidade (sucesso) do uso da música no ensino-aprendizagem, a afirmação de Gainza (1988, p. 95) mostra-se pertinente: “Educar-se na música é crescer plenamente e com alegria”. O fazer cotidiano da sala de aula muitas vezes traz desafios e uma rotina exaustiva. Utilizar a música na sala de aula faz o ambiente ficar mais descontraído, sem perder o foco no processo ensino-aprendizagem.

Considerações Finais

Ao que parece, as experiências exitosas no que concerne ao uso da música no processo de ensino-aprendizagem apontam para rumos positivos de diversas ordens: desde a efetiva retenção e aprendizagem de conteúdos até o próprio uso de um elemento que já está inserido na vida do aluno, no cotidiano, que lhe faz sentido, como um facilitador para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar.

Diante da exposição (e reflexão) de trabalhos que versaram justamente sobre o potencial de aplicação da música (canção) no contexto da sala de aula, nota-se que ocorre uma integração, uma empatia, uma alegria, uma motivação. É nesse ponto que a interação com a outra disciplina (a exemplo de Biologia ou de Química) aproxima-se do que se pode entender, de forma ampla, por “interdisciplinaridade”, já que não há um consenso a respeito da conceituação desse termo. De qualquer forma, sendo fato que o trabalho interdisciplinar pressupõe uma interação disciplinar, faz-se necessário o domínio prévio da disciplina com que a Música supostamente entrará em contato. Considera-se, para isso, que a utilização da música (canção) como recurso no processo de ensino-aprendizagem é resultado da interação com a Música (disciplina).

Nesse sentido, antes que uma proposta interdisciplinar possa ser desenvolvida com base em pressupostos de interação, é preciso verificar a forma como o domínio disciplinar tem sido tratado, aferindo, inclusive, a competência do educador em sua própria área, disciplina. Verificado isso, é interessante e desejável que um elemento já componente do dia a dia do discente seja utilizado propositadamente como recurso para o ensino-aprendizagem. A partir da música, que faz parte da vida do aluno fora dos muros da escola, é possível vislumbrar um potencial que merece ser explorado dentro do ambiente escolar, porque isso seria uma forma de "ligar", de "conectar" a escola ao que está fora dela.

Enfim, cumprido o objetivo proposto nesta pesquisa, ainda vale registrar, como últimas palavras, que qualquer proposta que contemple um caráter interdisciplinar (ou não) é válida desde que os resultados de fato colaborem para o ensino-aprendizagem das disciplinas em interação. No entanto, a questão parece ser maior do que isso; não se trata propriamente da retenção de conteúdo ou memorização de terminologias por meio da música, e sim de proporcionar ao aluno uma forma de aprender mais significativa. É preciso romper muros.

Referências

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; ZANELLA, Priscilla Guimarães; ARAÚJO-JORGE, Tânia Cremonini. A música pode ser uma estratégia para o ensino de Ciências Naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. *Revista Ensaio,* v. 15, n. 01, p. 81-94, jan./abr., 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/epec/v15n1/1983-2117-epec-15-01-00081.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

BORGES, Dayse Sampaio Lopes; ALMEIDA, Eliane Costa de. Musicalização, estratégia mnemônica para a compreensão dos conteúdos de Biologia na EJA. *Linkscienseplace – Revista Científica Interdisciplinar,* v. 2, n. 4, p. 27-40, outubro/dezembro, 2015. Disponível em: http://

revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/148/87. Acesso em: 22 jul. 2019. DOI: 10.17115/2358-8411/v2n4a3

BORGES, Dayse Sampaio Lopes. *Paródias musicalizadas como estratégia mnemônica para aprendizagem de conceitos de Biologia Celular*. 143f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes/RJ, 2018. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/dissertacao_dayse_sampaio_lopes_borges_020920191529.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

BORGES, Dayse Sampaio Lopes; DAMATTA, Renato Augusto. Música como estratégia mnemônica: diálogos com a teoria do processamento da informação. *In*: DEPS, Vera Lúcia; PESSIN, Gisele (Orgs.). *Psicologia da educação em perspectiva.* Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018a.

BORGES, Dayse Sampaio Lopes; DAMATTA, Renato Augusto. A Música na perspectiva da diversidade cultural brasileira: ritmos e melodias nas estratégias pedagógicas. *In*: GUIMARÃES, Décio Nascimento; ANDRÉ, Bianka Pires (Orgs.). *Educação e diversidade:* diálogo intercultural. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018b.

BORGES, Dayse Sampaio Lopes; DAMATTA, Renato Augusto. A música "Herdeiros do Futuro" e Método Cooperativo Jigsaw: proposta para aprendizagem de conceitos de Biologia com viés interdisciplinar, *Linksciensesplace – Revista Científica Interdisciplinar*, v. 6, n. 2, p. 129-151, abr./jun., 2019. Disponível em: http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/708/413. Acesso em: 22 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Comunicado Conjunto n. 001/2013. Dispõe sobre perspectivas de cooperação e articulação entre as áreas de Educação e de Ensino. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/com_conj_edu_ensi.pdf. Acesso em: 18 ago. 2019.

BRASIL. *Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.* Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do Ensino da Música na educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em: 28 jul. 2019.

GATTÁS, Maria Lúcia Borges; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Interdisciplinaridade: uma contextualização. *Acta Paulista de Enfermagem,* 19(3), p. 322-327, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n3/a11v19n3.pdf. Acesso em: 21 jul. 2019.

GRANJA, Carlos Eduardo Souza Campos. *Musicalizando a escola*: música, conhecimento e educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. *In*: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Didática e interdisciplinaridade.* 13. Ed. Campinas: Papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:* efetividade ou ideologia. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: teoria e prática. *Revista de Ciências Humanas – UNITAU*, Taubaté/SP, v. 10, n. 1, ed. 18, p. 33-37, jun. 2017. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/353. Acesso em: 21 jul. 2019. DOI: 10.32813/rchv10n12017artigo4

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *Ideação – Revista do Centro de Educação e de Letras,* UNIOESTE/Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143. Acesso em: 21 jul. 2019.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical.* Tradução de Beatriz A. Cannabrava. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1988.

GUSDORF, Georges. Prefácio. *In*: JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e Êxtase* - como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

MCCLELLAN, Randall. *O poder terapêutico da Música.* Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Siciliano, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. *Emancipação*, Ponta Grossa, 10(2), p. 435-442, 2010. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao. Acesso em: 17 jul. 2019.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. *Ideação – Revista do Centro de Educação e de Letras,* UNIOESTE/Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 09-40, 2008. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141. Acesso em: 21 ago. 2019.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade*: ambições e limites. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

SACKS, Oliver. *Alucinações musicais:* relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos.* 2. Ed. Rev. e Ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. *In*: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Didática e interdisciplinaridade.* 13. Ed. Campinas: Papirus, 1998.

SILVEIRA, Marcelo Pimentel da; KIOURANIS, Neide Maria Michellan. A música e o Ensino de Química. *Química Nova na Escola,* n. 28, maio, 2008. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc28/07-RSA-2107.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2008.

TAME, David. *O poder oculto da Música.* Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como movimento articulador no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, p. 545-598, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/10.pdf. Acesso em: 22 jul. 2019.

2

Wallace da Silva Mello

A CIDADE E A VIDA MODERNA: uma proposta da utilização de músicas populares brasileiras como recurso metodológico para o estudo de Sociologia e História no Ensino Médio

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935.31-50

Resumo:

Este capítulo objetiva discutir possibilidades de utilizar música popular brasileira-MPB no ensino de História e Sociologia no Ensino Médio. Ao reconhecer a necessidade de se pensar em metodologias integradoras dos saberes, atentas às exigências informacionais e tecnológicas, busca-se contribuir com o desenvolvimento de técnicas que auxiliem a docência na educação básica. Metodologicamente, utilizaram-se três MPBs como instrumentos para a identificação de temas, debate e discussão entre alunos, análise de conceitos e processos fundamentais às duas disciplinas. Tais iniciativas contribuem para o desenvolvimento da perspectiva interdisciplinar atraente aos alunos a partir da discussão dos temas contemporâneos. Com isso, contribui-se para o desenvolvimento crítico e a autonomia intelectual dos discentes visando a leitura da sociedade.

Introdução

Um dos desafios mais tensos da profissão de professor é conseguir explicar conteúdos complexos a alunos dos mais variados tipos e origens. Em especial na escola pública, onde há alunos de diferentes estratos sociais, regiões da cidade, gostos, etnias e idades, pensar o currículo de modo a transformá-lo em uma mola de desenvolvimento intelectual que valorize o aperfeiçoamento cognitivo e a curiosidade discente, e não se torne um enfado, se torna fundamental. Como lembra Freire, "a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996, p. 17-18) e tal atitude passa pela discussão e reflexão sobre os currículos e as abordagens docentes para determinados conteúdos e temas. Parte-se da discussão promovida por Howard Gardner (1995) das Inteligências Múltiplas, de que não há apenas um único formato de inteligência, mas sete, a saber, a lógico-matemática, espacial, a linguística, interpessoal, intrapessoal, corporal-cinestésica e musical. Gardner posteriormente acrescentou mais dois tipos de inteligência à seu esquema teórico: a Existencialista e a Naturalista.

> A teoria das inteligências múltiplas, por outro lado, pluraliza o conceito tradicional. Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada para esse objetivo (GARDNER, 1995, p.21).

No cotidiano da sala de aula, percebe-se que os alunos têm diferentes potencialidades e capacidades e isso deve ser levado em consideração no momento da preparação da aula, onde se pretende atingir o máximo de desenvolvimento cognitivo, crítico e analítico dos discentes. O exercício docente se dá na prática, no dia-a-dia da sala de aula e é sempre desafiador se desconstruir

para reconstruir-se, isto é, propor-se a refletir, analisar, repensar e refazer as práticas e atividades em sala de aula. Refletindo a partir de Gardner (1995), no dia-a-dia da sala de aula, vê-se alunos com muitas inteligências: uns se entendem mais com as Ciências Exatas, outros Linguagens, outros Humanas e outros, ainda, desempenham muito bem as atividades práticas, físicas e corporais. É necessário que se atente para esta realidade.

> Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (FREIRE, 1996, p. 13).

A atividade docente deve estar atenta não só às experiências e saberes que os educandos trazem, mas também às suas particularidades e múltiplas inteligências. Do contrário, corre-se o risco de reproduzir-se uma visão elitista, enviesada e limitada da educação que, antes de atrair e democratizar o conhecimento, afasta e segrega estudantes e saberes.

Legislação brasileira e educação: conexões entre o currículo de História e Sociologia

Antes de continuar, é importante frisar um ponto: as reflexões que propõe-se aqui se baseiam no Currículo Mínimo (2012a, 2012b) disponibilizado pela SEEDUC-RJ e empregado nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro. Sobretudo num contexto de sucateamento da educação pública, haja visto a ausência de investi

mentos e de projetos estruturados voltados para a educação básica – além do contexto de crise econômica e de contenção e corte de investimentos orçamentários na área da Educação – professores da rede estadual tem que assumir, muitas vezes a tarefa de lecionar disciplinas diferentes de sua formação para que não "sobrem" ou seja, fiquem com carga horária ociosa e tenham que se deslocar para outras cidades para cumprir e fechar a sua carga horária. Um dos princípios que orientam a produção deste texto é exatamente esta: a partir do reconhecimento de que muitos docentes acabam por lecionar outras disciplinas, tenta-se contribuir com a preparação de aulas mais atraentes e que possuam um caráter interdisciplinar, isto é, que se desenvolvam no contato entre os diferentes saberes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) estabelecem que:

> A história social e cultural tem se imposto de maneira a rearticular a história econômica e a política, possibilitando o surgimento de vozes de grupos e de classes sociais antes silenciados. Mulheres, crianças, grupos étnicos diversos têm sido objeto de estudos que redimensionam a compreensão do cotidiano em suas esferas privadas e políticas, a ação e o papel dos indivíduos, rearticulando a subjetividade ao fato de serem produto de determinado tempo histórico no qual as conjunturas e as estruturas estão presentes. (BRASIL, 1998, p. 21)

Cabe observar o papel que a História, enquanto disciplina, que pode desempenhar como instrumento de reflexão do cotidiano, mas numa perspectiva conectada às conjunturas e estruturas mais amplas. Ao mesmo tempo, ela deve estar atenta às questões e problemas que se originam da sociedade, isto é, a História não pode se isolar dos problemas levantados pela sociedade e seus grupos, mas pelo contrário, estar atenta e buscar a partir do presente, problematizar o passado num processo dinâmico e atento às demandas da sociedade. Ao mesmo tempo, não se pode perder de vista as tradições e características do saber histórico já construído. É nesse movimento dialético que a História pode contribuir com o desenvolvimento discente e docente.

No que diz respeito às Ciências Sociais, os PCN's afirmam que:

> A Lei 9.394/96 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino da Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. Assim, pela via do conhecimento sociológico sistematizado, o educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que apontem para um modelo de sociedade mais justo e solidário (BRASIL, 1998, p. 37)

É fundamental que se reconheça a complexidade social, econômica, cultural, política e ideológica das diferentes formações sociais para que se possa agir sobre a realidade, tanto do ponto de vista pessoal quanto como coletividade. O que se quer destacar é o potencial crítico e autônomo que o conhecimento sociológico, que desvela processos antes não percebidos e permite o exercício pleno da cidadania. Espera-se que o conhecimento sociológico, antropológico e político permita aos discentes uma compreensão melhor de como se dão os processos em sociedade.

No Rio de Janeiro, desde 2011 a Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) produz um currículo conhecido como Currículo Mínimo (CM):

> A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro elaborou o Currículo mínimo da nossa rede de ensino. Este documento serve como referência a todas as nossas escolas, apresentando as competências e habilidades que devem estar nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Com isso, pode-se garantir uma essência básica comum a todos e que esteja alinhada com as atuais necessidades de ensino,

> identificadas não apenas nas legislações vigentes, Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, mas também nas matrizes de referência dos principais exames nacionais e estaduais (SEEDUC, 2012a, p. 2).

Muito poderia ser discutido sobre as possibilidades efetivas de funcionamento dos currículos, se são efetivos, se aumentam ou restringem a liberdade docente, se estão atentos às especificidades de cada escola, conjunto de alunos, se professores estão aptos a prepararem as aulas a partir de um currículo minimamente fechado ou não, mas dado o espaço reduzido, dar-se-á atenção às relações entre o currículo de História e o de Sociologia, permitindo assim propostas interdisciplinares.

Pode-se objetar que pensar as possibilidades de uso em conjunto de temas históricos e sociológicos pode contribuir para o enfraquecimento das especificidades metodológicas de cada saber ou a vulgarização do conhecimento específico de cada área. Essa é uma possibilidade muito remota. Tanto porque exige-se que os estudantes tenham uma formação interdisciplinar na qual os conteúdos e campos do conhecimento se inter-relacionem, quanto porque os próprios campos do conhecimento são porosos. No tocante à História e Sociologia no Brasil, diversos autores formados na Sociologia são conhecidos pelas contribuições historiográficas, assim como muitos trabalhos historiográficos são lidos e analisados pela Sociologia. Apenas a título de exemplo, cita-se o livro "A invenção do Trabalhismo" de Ângela de Castro Gomes, doutora em Ciência Política e conhecida historiadora; ou o livro "A Invenção da República" do Cientista Político Renato Lessa, fundamental para se compreender a história e historiografia da Primeira República; e o historiador Marcelo Badaró Mattos, que é referência no estudo da Sociologia do Trabalho no Brasil.

O CM de História possui alguns conteúdos que são muito produtivos de serem pensados em conjunto com a Sociologia. Na 2ª série do Ensino Médio, todo o conteúdo do 2º bimestre: "A revolução Industrial e mudanças no sistema capitalista, As doutrinas sociais do século XIX e Imperialismo no século XIX" (SEEDUC, 2012a, p. 15). Esses conteúdos podem ser relacionados ao conteúdo do 1º bimestre da *1ª série do Ensino Médio* do currículo de Sociologia, a saber:

> Diferenciar os conceitos de senso comum e conhecimento científico e compreender a Sociologia como a ciência das relações sociais.
>
> Compreender o homem como ser social e a subjetividade individual como resultante da socialização.
>
> Compreender a relação entre o indivíduo e a sociedade, bem como as diferentes formas de sociabilidade (SEEDUC, 2012b, p. 6).

Outra possibilidade é a discussão histórica do "Imperialismo no século XIX e XX" presente no currículo da 2ª série do Ensino Médio ao debate sobre "Cultura, Identidade, Preconceito e Discriminação", presentes no currículo do 1º ano.

Por fim, uma terceira forma de abordagem interdisciplinar entre História e Ciências Sociais se dá pela discussão dos desenvolvimentos históricos do Brasil durante o século XX, conteúdo do 3ª série do Ensino Médio, e as questões sociológicas, antropológicas e sobretudo políticas da luta por Direitos (Cidadania), Movimentos Sociais, Capitalismo e Relações de Trabalho e Estratificação e Desigualdade (SEEDUC, 2012). O objetivo do texto não é descrever possíveis conexões entre os campos, mas apresentar possibilidades de fazê-las através de músicas populares brasileiras. Para isso, no próximo tópico serão apresentadas algumas canções e possíveis usos históricos e sociológicos que elas podem proporcionar aos docentes das referidas disciplinas.

A cidade moderna através da MPB

Uma das questões mais complexas quando se analisa temas e problemas contemporâneos das sociedades se refere à migração e trânsito de pessoas de diferentes regiões, religiões, culturas, entre outros. Talvez um dos traços mais significativos da modernidade – conceito polissêmico e que ainda hoje é debate dentro da academia de Ciências Humanas mundo afora – seja a troca acelerada de informação e de conhecimento entre as pessoas. O Brasil não ficou imune a este processo de mudanças. Desde o final do século XIX, mas sobretudo com o século XX e o pós-II Guerra, o país tem passado por transformações sociais grandes. Pessoas de diferentes países e buscando todo um conjunto de coisas diferentes chegaram ao Brasil – como em outras partes do mundo – procurando viver uma nova vida, moderna, livre de uma série de problemas e questões. Mas não somente isso, dentro do próprio país o processo de transformação social, demográfico, urbano e social também mudou.

Cidades como São Paulo, até o século XIX uma cidade com poucos mil habitantes em comparação com Rio de Janeiro e outras cidades de porte e importância econômica maior no contexto, se tornaram grandes metrópoles com milhões de habitantes e uma rotina de trabalho e vida constante, onde “a cidade não dorme”. Populações de zonas rurais vislumbraram nas cidades médias e grandes a oportunidade de crescerem de renda e condições econômicas. E mesmo nas cidades pequenas o êxodo rural é perceptível. Em Bom Jesus do Itabapoana, estado do Rio de Janeiro, muitos moradores relatam a transição da zona rural para a zona urbana a partir, sobretudo, da segunda metade do século XX. Mas, se esse processo foi tão intenso, que eventuais questões e problemas o contato e interação entre esses grupos pode ter suscitado? Serão apresentadas algumas reflexões e contribuições teóricas à questão

da modernidade e da liberdade e da interação entre os diferentes grupos sociais que compõe as sociedades, sobretudo refletindo os trabalhos de Goffman (1982) e Simmel (2005). Para tanto, propõe-se uma reflexão a partir da literatura indicada e a análise de algumas músicas populares brasileiras escritas no final do século XX e começo do XXI.

A modernidade e os indivíduos

Um dos conceitos mais caros à sociologia é o de indivíduo. Quando do nascimento da disciplina, a grande questão que os sociólogos se colocavam era mesmo questionar as explicações "individualistas" que a Filosofia Política de Hobbes, Locke, Maquiavel e outros davam.

> A sociologia surgiu precisamente como alternativa crítica a essa concepção da vida social. Sem dúvida, para muitos autores, o indivíduo permaneceria no centro do palco. Em geral, contudo, explicar esse indivíduo a partir de outros fenômenos sociais, inclusive a própria noção moderna de indivíduo, foi desde sempre uma ambição da sociologia (DOMINGUES, 2004, p. 13).

A Sociologia é um campo que se propõe a pensar os fenômenos sociais para além do indivíduo, na medida em que seja possível perceber na troca, relação, integração e conflitos sociais, elementos que constituem discursos, identidades e comportamentos, e que não são meros acúmulos de experiências. O contato com o diferente cria algo novo. Esse algo novo na relação é o objetivo do sociólogo. Um dos sociólogos mais importantes para a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade moderna é George Simmel. Nascido na Alemanha na segunda metade do século XIX (1858) e falecido no início do século XX (1918), Simmel vivenciou e estudou grandes transformações sociais que a cidade de Berlin – e

toda a Europa – atravessaram no século[1]. Nesse cenário, os indivíduos lutariam para sobreviver e não serem atomizados e consumido a um nível técnico-social. Isto é, a grande questão que se colocava no contexto e que Simmel bem percebeu foi a complexa luta entre os indivíduos e as instituições sociais, políticas, culturais, religiosas e militares por concordância, sujeição e nivelamento.

Em termos históricos, esse período corresponde ao final do século XIX e início do século XX, período em que o capitalismo se expandiu sobre África, Ásia e América, gerando muitos conflitos nestes territórios mas também muitas riquezas e desenvolvimento tecnológico na Europa e Estados Unidos. A "Era dos Impérios" (HOBSBAWM, 1998) gerou progresso e desenvolvimento econômico, mas também gerou contradições e tensões que foram expressas na I e II Guerras Mundiais. Em um nível mais micro-histórico e sociológico, as transformações foram sentidas nas cidades, com o desenvolvimento e crescimento de muitas delas: explosões urbanas, êxodo rural, reurbanização de ruas, bairros inteiros e a reconfiguração de toda a estrutura urbana, seja na Europa ou mesmo no Brasil – Revolta da Vacina de 1904 e o contexto de transformação urbana que o Rio de Janeiro atravessou.

Uma das possibilidades de uso de discussão dos temas históricos e sociológicos apresentados é a utilização da canção "lamento sertanejo" de Gilberto Gil.

1. Segundo Kaap (2011, p.440) "Entre 1858, ano de nascimento deste último, e 1903, ano de publicação do dito ensaio, Berlim se transforma de capital da Prússia, com 400 mil habitantes, muita pobreza e alguma mecanização, em capital política, econômica e cultural do império alemão, com três milhões de habitantes, industrialização, comércio e exposições mundiais, uma linha de metrô recém-inaugurada, iluminação pública, bondes elétricos e automóveis, museus e cinemas, jornais e revistas ilustradas, lojas de departamento e cafés, e um milhão de Mietskasernen, isto é, precárias moradias de aluguel de um ou dois cômodos. À diferença de Viena, Munique ou Roma – cidade pela qual Simmel tem enorme admiração –, Berlim é um caldeirão de experimentações urbanas pouco resistente à perda de tradições e à modernização acelerada, que se expressa, por exemplo, na massiva demolição das edificações mais antigas. E à diferença de Londres ou Paris, que em meados do século já eram metrópoles, o crescimento de Berlim coincide justamente com o período vivido por Simmel: primeiro ela se transforma em "grande cidade" (Großstadt), depois, em metrópole (Metropole)".

Por ser de lá

Do sertão, lá do cerrado

Lá do interior do mato

Da caatinga do roçado.

Eu quase não saio

Eu quase não tenho amigos

Eu quase que não consigo

Ficar na cidade sem viver contrariado (GIL, 1975).

O contexto do êxodo rural que assistiu-se no século XX no Brasil é descrito por Gil como sendo esse processo que *desencaixe* (GIDDENS, 1991) o homem do campo, o retirante na cidade grande. Apesar de estar sujeito às transformações econômico-produtivas do capitalismo pós-II Guerra, esse ser humano socializado no campo e nas formas tradicionais de vida não consegue se habituar às práticas e costumes citadinos perfeitamente. Daí esse sentimento de incompletude, de contrariedade e de isolamento. Há uma ruptura com a dinâmica espaço-tempo de antes e nesse sentido, é produtivo propor a reflexão com os educandos sobre as complexas e múltiplas formas de sociabilidade, da formação múltipla das sociedades – em especial a brasileira – e nas dinâmicas formas de uso e vivência nos espaços públicos e privados. Sobretudo a questão das identidades e das interações divergentes e diferentes sobressai-se na canção. Há um impulso nivelador na sociedade industrial moderna – o que nos remete ao contexto do modelo de produção fordista e o "*american way of life*" do pós-II Guerra em que as subjetividades relativizadas.

Além de todos os impulsos niveladores, a cidade moderna, a modernidade *intensifica a vida nervosa* (SIMMEL, 2005, p. 577)

> Assim, o tipo do habitante da cidade grande — que naturalmente é envolto em milhares de modificações individuais — cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior o ameaçam: ele reage não com o ânimo, mas sobretudo com o entendimento, para o que a intensificação da consciência, criada pela mesma causa, propicia a prerrogativa anímica. Com isso, a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível das profundezas da personalidade. Essa atuação do entendimento, reconhecida portanto como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares (SIMMEL, 2005, p. 578).

Este processo de socialização cada vez mais frenético, intenso e que expõe o ser humano moderno a cada vez mais propagandas, anúncios, notícias, informes, exigências e etc também é atravessado por um processo de transformação econômico-social muito intenso que é o da mercantilização das relações, pois "O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil" (SIMMEL, 2005, p. 580). Segundo Jessé Souza

> O fator mais importante da modernidade, para Simmel, é o advento da economia monetária, cuja análise é marcada por uma ambiguidade fundamental: o dinheiro desempenha um papel central tanto na constituição da liberdade quanto da tragédia modernas. Simmel percebe a liberdade como um resultado de mudanças de constrangimentos, ou seja, ela não se dá num vácuo, mas num contexto de obrigações. Quando das mesmas nos libertamos, temos a impressão da liberdade até que as outras obrigações assumam o lugar das antigas. [...] A partir da generalização desse processo, com a consolidação da economia monetária, podemos falar, do ponto de vista subjetivo, que o dinheiro permite uma margem importante de liberdade pessoal na medida em que separa o desempenho, o qual pode ser comprado por dinheiro, da personalidade, a qual permanece inalienável. A economia monetária, em conjunção com a divisão social do trabalho, permite a essa personalidade libertada de constrangimentos éticos e pessoais uma maior oportunidade de autodeterminação e desenvolvimento, posto que torna a teia de dependências sócias mais rarefeita e múltipla (SOUZA, 2014, P.10-11).

Essas relações cada vez mais aceleradas, contabilizadas e mercantilizadas alteraram todo um conjunto de relações dos indi

víduos, provocando uma reação psicossocial muito profunda que Simmel concebe como atitude *blasè*.

> Os mesmos fatores que, desse modo, na exatidão e na precisão de minutos da forma de vida, correm em conjunto rumo a uma formação da mais alta impessoalidade, atuam por outro lado de um modo altamente pessoal. Talvez não haja nenhum fenômeno anímico que seja reservado de modo tão incondicional à cidade grande como o caráter blasé. Ele é inicialmente a consequência daqueles estímulos nervosos — que se alteram rapidamente e que se condensam em seus antagonismos — a partir dos quais nos parece provir também a intensificação da intelectualidade na cidade grande. Justamente por isso homens tolos e de antemão espiritualmente sem vida não costumam ser blasé. Assim como uma vida desmedida de prazeres torna blasé, porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova (SIMMEL, 2005, p. 581).

A atitude blasè é a síntese deste processo de transformação dos indivíduos nos espaços modernos, na medida em que as interações sociais passam a sofrerem alterações sensíveis. Há, de certo sentido, um processo inevitável de embrutecimento dos corpos sociais e dos indivíduos nesta modernidade intensificada, acelerada e multifacetada. Atomizados neste novo modelo social, a atitude imediata de defesa é o fechamento contra as influências externas na vida psíquica dos sujeitos.

Interação e Sociedade

Outro autor importante para pensar a relação entre os indivíduos na cidade moderna é Erving Goffman. Como um dos herdeiros e principais autores do “Interacionismo simbólico”, Goffman em

seus trabalhos se preocupa em analisar as situações sociais de troca, interação, "encenação" e performance. Para o interacionismo simbólico e Goffman, um elemento fundamental na análise social se refere a esta interação, a troca e a relação dos indivíduos e grupos sociais que, constroem, manipulam, criam significados às ações e aos símbolos sociais que valoram. O que isto quer dizer? Quer dizer que em sociedade os indivíduos constroem significados a cada instante e, em sociedades cada vez mais complexas, estas relações e estas redes se complexificam ainda mais. As pessoas que vem "fazer a cidade grande" se cruzam, mas ao fazerem isto, produzem uma relação complexa – e não necessariamente pacífica – de trocas. Os símbolos sociais podem não significar – e muitas das vezes não significam – o mesmo para os diferentes grupos, e, mais que isso, os grupos vão produzindo relações e apropriações culturais e simbólicas próprias.

Uma das questões mais fundamentais nos estudos de Goffman, refere-se ao conceito de Estigmas. Segundo Goffman, "*o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos*" (GOFFMAN, 1982, p.13). Ainda de acordo com o autor, pode-se

> Mencionar três tipos de estigmas nitidamente diferentes: em primeiro lugar há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagens e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1982, p. 14).

Estes elementos simbólicos, físicos ou não, presentes no corpo, na face ou qualquer outro espaço traz um conjunto grande de

consequências. Inclusive como forma de se 'proteger' destes grupos estigmatizados, pode-se recorrer ao caráter Blasè de Simmel como forma de entender o comportamento do atores sociais. Se tenho medo de me expor, se tenho confusão sobre quais signos e símbolos interpreto corretamente, me fecho em minha cadeia de significados para não ser afetado pelas ações dos outros. Tributário de George Simmel, Goffman discute como as relações sociais contemporâneas podem ser construídas a partir do conflito social que se dá na interação simbólica entre os agentes sociais. O rapper Emicida expõe algumas situações de estigma na canção "Cê lá faz Ideia"

> "São regras do mundão
>
> **Perdi as contas de quantos escondem a bolsa se eu digo: que horas são?**
>
> **Taxista perguntam mais que os policiais a mim, sim**[1]
>
> Indescritível como é ruim
>
> Nasci vilão, só veneno
>
> Com o incentivo que me dão, errado tô se eu não virar mesmo
>
> Suor na cara, levando currículo, cara
>
> A pé porque onde eu moro, o buso não para
>
> Pé de barro, meio dia
>
> Inspirando piada nos boy, transpirando medo nas tia
>
> Tudo é tão óbvio
>
> Cê não vê e vai juntando ingrediente da bomba relógio
>
> **Eu sinto dor, eu sinto ódio**
>
> É quente, sem nem saber o nome dessa gente
>
> Católica, de bem, linda

1. Grifo meu

> Se já notou, e ó que eu nem falei a minha cor ainda[1]
>
> Cê lá faz ideia do que é ver, vidro subir, alguém correr quando avistar você?
>
> Não, cê não faz ideia, não faz ideia, não faz ideia
>
> (EMICIDA, 2010).

Emicida, *rapper* da periferia de São Paulo, demonstra todo seu sentimento de revolta, tristeza, mágoa e raiva ao narrar o dia-a-dia de ser um jovem com certas 'marcas' sociais, étnicas e espaciais na cidade de São Paulo. A partir de um conjunto de experiências, constituiu-se todo um jogo de cenas sociais que enquadram, posicionam e localizam os indivíduos em determinadas posições sociais e/ou espaços que se baseiam numa certa expectativa dos interlocutores. Posto de outra forma, Emicida está relatando as dores e lutas que aqueles a quem busca representar sentem na cidade, ao serem enquadrados em determinados perfis sociais. O elemento fundamental na letra de constituição desta expectativa se dá pela negativa de apresentação do elemento cor da pele. Não é necessário dizer qual é, pois está implícito, dado o conjunto de experiências que os interlocutores da canção tem no dia-a-dia. Este ponto nos leva a questionar e tensionar o argumento da liberdade moderna apresentado acima por Simmel. Na medida em que tende-se a ver uma certa liberdade de circulação mas que é atravessada por estas experiências de rotulação e estigmatização, a convivência na cidade torna-se mais complexa e mais problemática. Mas se é assim, por que nos submetemos a isto? Por que em situações onde nos sentimos envergonhados, humilhados ou ofendidos, nem sempre respondemos com a mesma pulsão que gostaríamos, mas antes agimos de modo blasè?

> Este é o ponto que Goffman (um durkheimiano confesso) desenvolve magistralmente. Na vida cotidiana, não necessitamos de soldados armados ou fiscais com talões de multa para irmos a lugares onde

1. Grifo meu

> não queremos, conversarmos com pessoas de quem não gostamos ou falarmos coisas que não acreditamos. Por que agimos assim? Porque do contrário poderíamos "pagar um mico", dar vexame, passar vergonha, "perder a face" (Goffman, 1967). Goffman chama de "face" algo mais do que o rosto, toda a fachada que sustenta um indivíduo. O trabalho de face é o esforço que cada um de nós faz para manter-se à altura da dignidade que projetamos sobre nós mesmos, à altura do tratamento que acreditamos merecer por parte dos outros. E os perigos estão sempre à espreita, a qualquer momento uma casca de banana pode pôr a perder nossa compostura e dignidade com um tombo ridículo. Nesse sentido, Goffman afirma, analisando a introjeção desta forma de controle, que, na "prisão da vida social", cada pessoa é seu próprio algoz, "mesmo que alguns possam gostar de suas celas" (*Idem*, p. 10) Essa forma de controle social perpassa todos os meandros de nossa vida cotidiana, apontando sobre cada pessoa uma "espada de Dâmocles" interacional. [...] Docilmente nos enquadramos, docilmente lemos os livros que todos lêem, docilmente aceitamos um ordenamento social freqüentemente injusto, desigual. Fazer frente a isso pode "pegar mal", pode "ficar chato", pode ser embaraçoso. (GASTALDO, 2008, p. 151).

O ponto apresentado por Gastaldo, comentando Goffman é importante: viver em sociedade pode exigir um nível de ação e de representação mais complexo do que se pode imaginar.

Conclusão

Longe de exaurir o tema, o que se buscou no curto texto acima foi refletir sobre algumas das questões complexas que a prática docente exige contemporaneamente. Buscou-se demonstrar a necessidade de se repensar as práticas de sala de aula se se pretende dar conta de uma complexa rede de relações sociais e com as tecnologias. A partir da utilização de três canções, buscou-se demonstrar potenciais relações com os temas históricos e sociológicos. A Teoria Social Contemporânea tem discutido de que modo pode-se compreender melhor a sociedade moderna a partir de alguns dos conceitos e questões que ela tem desen

volvido. A sociedade moderna foi, e continua sendo vendida como um modelo de sociabilidade onde a liberdade é um dos principais fatores. Como se viu, de fato sob o aspecto da circulação social e econômico a modernidade representa uma modificação no padrão de sociabilidade muito grande. Não se pode comparar o nível de trocas sociais e interação de um jovem do século XVI na França com um jovem parisiense de hoje. Assim como as diversas experiências urbanas são complexas e constituídas por identidades muito diferentes. Estas identidades possuem relação com os contextos históricos e sociais em que se constituíram. Do ponto de vista das relações sociais, entraves, complexidades da convivência e desafios da interação ainda se mantém presentes.

Preconceito, discriminação, racismo e tantas outras formas de comportamento discriminatório são comuns em diversas partes do mundo. Não que a Sociologia tenha por obrigação resolver este problema social. Ela não o tem. Mas pode contribuir para o entendimento desta situação e colaborar, via método e pesquisa com o entendimento dos diferentes grupos sociais e suas complexas relações. De igual modo, a História pode nos auxiliar na compreensão dos fenômenos a que estamos expostos e com os quais nos relacionamos no dia-a-dia, permitindo uma postura de autonomia e criticidade muito maior.

Referências

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação. Temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BELCHIOR. *Fotografia em 3x4*. Belchior sem limites. Rio de Janeiro: Universal Music, 2001. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UyYH1biSIBY > Acesso em: 30 jun. 2019.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DOMINGUES, José Maurício. *Teorias Sociológicas do Século XX.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

EMICIDA. *Cê lá faz ideia*. Emicídio. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=P2vxgWt5tGU. Acesso em: 30 jun 2019

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GASTALDO, ÉDISON. *Goffman e as relações de poder na vida cotidiana*. REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS SOCIAIS Vol. 23 nº 68 outubro/2008

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas:* a teoria na prática. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIDDENS, Anthony. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GIL, Gilberto. Lamento Sertanejo. Refazenda. Rio de Janeiro: Warner Music, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7m3t6vbuDw>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *História*: Currículo Mínimo: Rio de Janeiro, SEEDUC, 2012a, 20 pp.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Sociologia*: Currículo Mínimo: Rio de Janeiro, SEEDUC, 2012b, 12 pp.

SIMMEL, George. [1903] (2005). *As Grandes Cidades e a vida do Espírito.* Mana, vol. 2, nº 11, p. 591-577.

SOUZA, Jessé. *A Crítica do Mundo Moderno em George Simmel.* In: _____; ÖELZE, Berthold (Orgs.) *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Ed. UnB, 2014.

3

Vinicius da Silva Freitas

OS IMPACTOS POSITIVOS DA MÚSICA NAS ATIVIDADES FÍSICAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935.51-67

Resumo: Influenciadora crescente na sociedade, a música possui como benefício o impacto motivacional que provoca nos ouvintes. Permeada por características desde a resposta ao ritmo até a musicalidade pessoal de cada um, ela tem sido um acompanhamento para o exercício pela motivação e benefícios que incluem o aumento da taxa de trabalho e a intensidade do exercício por períodos mais longos. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com abordagem teórica quantitativa para fundamentar a temática dos impactos positivos da música nas atividades físicas de estudantes do ensino fundamental, tendo como técnica de coleta de dados a utilização de fichamento. A relação entre a música e as taxas de atividade física vem sendo submetidas a análises experimentais em contextos de educação física, sugerindo que seu uso ajuda a organizar o comportamento durante as atividades motoras, embora isso só exponha parte do que ela pode fazer pelas taxas de atividade física. Esta revisão de literatura objetiva olhar mais profundamente os efeitos da música em um ambiente de educação física escolar.

Palavras-chave: Música. Atividade Física. Benefícios.

INTRODUÇÃO

Encontrada em praticamente todos os lugares da sociedade a música é ouvida em eventos esportivos, lugares públicos como lojas, locais de trabalho e reuniões religiosas, ambientes pessoais como casas e carros, variando os lugares assim como as razões para ouvi-la. No entanto, um dos motivos cada vez mais comuns para se ouvir música é seu uso como ferramenta motivacional durante o exercício físico.

Em um de seus estudos, Priest & Karageorghis (2008) identificam quatro características principais de uma música que os ouvintes acham motivadora: resposta ao ritmo, musicalidade, impacto cultural e associação. Por meio de uma ou mais dessas características da música é que os ouvintes encontram a motivação para aumentar sua resistência ou aumentar sua taxa de trabalho.

Um dos resultados relacionados à resistência encontrada pelos autores faz menção à redução do esforço percebido pelo uso de música durante o exercício. Trata-se de algo particularmente importante em um contexto educacional, pois incentiva os alunos a aumentar a intensidade, a taxa de trabalho e a resistência de atividade, enquanto aumenta globalmente a taxa de atividade física ao longo de uma aula de educação física.

Embora essa conexão exista, há ainda muito que se avançar em termos de pesquisa para sustentar que o uso da música em um ambiente de educação física afeta as taxas de atividade física. Dessa forma, essa revisão da literatura vem discutir à luz de autores do porte de Dobrescu (2006), Dunn (2010), Karageorghis et al., (2006) e North et al., (2000), dentre outros, a influência da música na sociedade assim como suas características motivacionais utilizadas na atividade física em um ambiente educacional.

O objetivo deste estudo é examinar os efeitos da música nas taxas de atividade física e diversão em estudantes de educação física do ensino médio.

A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA SOCIEDADE

Dunn (2010), em uma de suas dissertações, afirma que os humanos parecem buscar experiências musicais diariamente, pois, desde o nascimento, ouvir música está ligado à expressão afetiva, embutida em um contexto social. Nossas crianças, por exemplo, se veem cercadas pelo contexto social da música desde a tenra idade através das canções de ninar e continuam com as crenças familiares e culturais, como a importância da religião e sua expressão através da música, aulas de música e, eventualmente, a educação musical nas escolas.

Quando uma criança cresce, sua exposição à música continua através das rádios ouvidas em casa, no carro, nos corredores da escola, em eventos esportivos e shoppings. Ao aproximar-se da adolescência, sua relação com a música muda do simplista para o complexo devido às razões que passam a imperar nas suas razões para ouvir música.

> Adolescentes ouvem música para curtir a música; ser criativo/usar sua imaginação; para aliviar o tédio; para ajudar a superar tempos difíceis; estar na moda; para aliviar a tensão/estresse; criar uma imagem para si mesmo; para agradar amigos; e reduzir a solidão. Outra razão popular para ouvir música é como meio de regulação do humor. Ao tentar estudar os efeitos da música nos ouvintes adolescentes, há que se considerar muitas explicações (NORTH ET AL., 2000, p. 263).

A maioria das maiores influências da música na sociedade ocorre quando é encontrada como um acompanhamento de fundo para ambientes de reunião social. North et al., (2004) também descobriu que as razões mais comuns para ouvir música durante esses episódios eram por prazer, para passar o tempo, como um hábito, e para criar a atmosfera certa. Talvez esses efeitos e razões para a música ser tocada no contexto de uma condição possam ser influentes se transferidos e usados em um ambiente educacional.

Outra grande influência que a música tem na sociedade é seu efeito na emoção, fortemente relacionado às principais razões pelas quais as pessoas a ouvem (DUNN, 2010).

A emoção é um aspecto regulador e funcional das ações de uma pessoa, e se pode ser influenciada pela música, torna-se vital para a criação de uma atmosfera desejada por quem a está reproduzindo. Momentos em que se pode perceber claramente isso é em eventos esportivos, quando a música é tocada para excitar a multidão, ou como fator influenciador emocional nos filmes conduzindo os espectadores a sentimentos de ansiedade, tensão, raiva, tristeza ou alegria, manipular suas emoções para melhor vivenciar as imagens.

Segundo Dobrescu (2006), o acompanhamento musical representa um componente acústico-estético, associado ao comportamento motor, com um papel no direcionamento, regulação, organização e construção de estruturas de movimento, tendo uma importância e interpretação específicas, com implicações sobre a educação de ritmicidade e habilidades psicomotoras.

A influência da música na emoção é extremamente aparente e, quando usada corretamente, pode ser usada aplicada como motivador para os adolescentes aumentarem suas taxas de atividade física no ambiente de educação física.

CARACTERÍSTICAS MOTIVACIONAIS DA MÚSICA

Frequentemente descrita como um motivador a música serve uma inspiração para melhorar as ações diárias de uma pessoa, para mudar de ociosidade para ação, animar-se para uma situação futura, aumentar a intensidade ou trabalhar mais e aumentar a resistência (Priest & Karageorghis, 2008).

Para descrever por que a música pode ser tão influente e servir como fator motivador, os autores apresentaram uma estrutura conceitual que pode explicar os efeitos motivacionais da música no contexto do exercício e do esporte, definindo-a como aquilo que estimula ou inspira a atividade física.

> Quatro fatores são identificados como contribuintes para as qualidades motivacionais de uma peça de música: resposta ao ritmo, musicalidade, impacto cultural e associação. A resposta ao ritmo refere-se à resposta aos elementos rítmicos da música, mais notadamente o tempo (velocidade da música medida em BPM), que foi identificado como a característica chave da música em termos de provocar uma resposta corporal. Isso sugere que as pessoas têm uma predisposição subjacente para reagir a estímulos rítmicos porque elas replicam formas naturais de atividade física, como caminhar (PRIEST & KARAGEORGHIS, 2008, p. 348).

Musicalidade refere-se à resposta a elementos relacionados ao som que se ouve, sua harmonia e melodia. Esses aspectos da música moldam a interpretação de um ouvinte da música e do ambiente ao seu redor, além de influenciar o estado de humor, que não se refere apenas à disposição do ouvinte, mas também ao temperamento do ambiente. Isso é evidente, como mencionado anteriormente, sobre a manipulação que a música pode tocar quando usada em filmes ou em eventos esportivos.

Para Karageorghis et al., (2006) este é o segundo maior fator motivador na música após a resposta do ritmo. O impacto cultural refere-se à penetração da música na sociedade, devido à educação

sociocultural e exposição anterior à música, a resposta imediata do ouvinte a uma música pode ser categorizada como uma reação devido ao impacto cultural.

Os autores descobriram que a música alta, com um ritmo acelerado de 120-160 BPM (intensidade moderada a alta), ajudará a combinar a frequência cardíaca e a intensidade do exercício, enquanto serve como distrator que faz com que os praticantes reduzam suas percepções de esforço. Além disso, houve uma correlação positiva encontrada entre a intensidade do exercício e uma preferência por música mais alta. À medida que a intensidade do exercício aumentava, também aumentava a preferência por músicas mais altas sobre músicas moderadas.

O PAPEL DA MÚSICA NA ATIVIDADE FÍSICA

Se a música deve ser vista como um motivador, é importante entender seu papel como incentivador na prática de atividade física, uma vez que este é o ambiente no qual a música é mais usada nesse sentido. Vários estudos foram feitos para observação dos efeitos da música no exercício, examinando primeiro as características motivacionais da música em um nível mais profundo na tentativa de entender o ritmo, volume e gêneros rítmicos (KARAGEORGHIS ET AL, 2006).

Priest *et al.*, (2004) analisou os resultados sobre essas características, bem como quaisquer diferenças de gênero ou preferências de gênero e a música estimulante, descrita de várias formas como música de dança, música alta, música rápida ou música rítmica, descobrindo-se que os participantes tinham uma preferência por música alta e animada ou animada em comparação com a música mais lenta e melodiosa.

Um olhar mais atento a essa inclinação feito por Karageorghis *et al.*, (2006) revela que a preferência pelo andamento mais rápido se deve à intensidade do exercício ou ao aumento da intensidade do trabalho. A explicação para isso é que o ritmo mais rápido da música é um reflexo do nível de excitação fisiológica do ouvinte, sugerindo que os indivíduos geralmente requerem um aumento moderado na excitação para iniciar a atividade física.

Saber disso ajuda os espectadores a entenderem por que os atletas ouvem música antes de começar um jogo de basquete, com dispositivos de audição pessoais para controlar a seleção musical, enquanto outros desfrutam da música de aquecimento que é tocada para eles tanto quanto é tocada para os fãs.

Há muitos benefícios em se ouvir música alta e animada destacam Priest & Karageorghis (2008), dentre os quais se destacam a redução das avaliações de esforço percebido, pois a música motivacional age reduzindo as percepções de esforço durante o exercício submáximo.

Esse fator é influente ao explicar que o uso de ouvir música motivacional durante o exercício ajuda a aumentar a resistência ou a duração do exercício do praticante. Outra razão sugerida pela qual a música pode diminuir as avaliações de esforço percebido é que pode servir como um distrator passivo, dando um ponto focal positivo para a tarefa em questão (POTTEIGER ET AL., 2002).

Priest & Karageorghis (2008) lembram que pode ser somado a esse benefício para o uso da música como estimulante durante o exercício o efeito positivo sobre a experiência de exercício e aderência global ao exercício, devido ao aumento do desempenho encontrado em tarefas sensoriais e motoras.

A seleção da música usada durante o exercício deve ser uma decisão consciente, sustenta Priest et al. (2004) ao sugerirem que a lista

de reprodução de música para o exercício deve incluir uma variedade (diferente na idade ou data de lançamento e gêneros) de música alta e otimista. Barney *et al*., (2012) corrobora essa situação em sua pesquisa de gêneros populares de música ouvidos durante o exercício quando descobriram haver uma variedade de tipos de música tocada pelos participantes para fornecer motivação durante um treino, ajudando a manter o foco no interesse e engajamento do praticante.

Outra consideração, muito bem apontada por Priest *et al.*, (2004), lembra o emprego da música, num ritmo mais rápido, para ajudar não somente a despertar o ouvinte para a ação, mas também para aumentar a intensidade do seu treino. Seguido a isso Karageorghis *et al.*, (2006) destaca que, ao selecionar a música com uma mensagem positiva ou inspiradora através de uma afirmação lírica pode-se enviar uma mensagem ao cérebro do tipo "trabalhe seu corpo" ou "busque o herói dentro de si", ajudando assim a melhorar o desempenho e o humor.

Assim, cria-se o ambiente ideal que apoia e incentiva o exercício em uma visão positiva, com uma lista de reprodução de músicas que os participantes preferem e estão acostumadas a basear-se em seu background sociocultural, como as mais novas e populares da atualidade, tocadas nas estações de rádio mais ouvidas na região em que o ouvinte se encontra.

De todos os ambientes de exercício e atividade física em que a música pode ser usada, observa-se um crescimento vertiginoso dentro da educação que tem aumentado o uso da música devido ao fato dos estudos apoiarem o uso da música como uma ferramenta de gestão benéfica para manter os alunos envolvidos na tarefa (HARMS & RYAN, 2012).

Harms & Ryan (2012) citam a música pode ser um forte motivador para manter a intensidade e o interesse do aluno, ambos,

resultados desejados na educação física. Em um estudo feito em uma aula de educação física, revelou um aumento significativo nas taxas de atividade física dos alunos em corrida quando a música acompanhava a corrida se comparado quando ela não foi usada.

Na visão de Dobrescu (2006) a musicalidade motora representa a capacidade de assegurar certa concordância entre o ato motor e as particularidades dos meios de expressar música (medições de batimentos; duração e particularidades da frase musical; variações de altura, intensidade e altura sonora, particularidades da peça musical).

> O uso da música durante a aula de Educação Física também é uma grande ajuda para o professor. Garante o andamento, o ritmo e a intensidade dos movimentos, assim o professor está corrigindo menos dos exercícios realizados pelos alunos. Levando tudo isso em consideração, recomendações mais metódicas também poderão ser feitas. A música é e deve estar presente durante as aulas de educação física por causa de seus múltiplos usos. O uso da música na aula de Educação Física pressupõe sua concordância com o movimento, permitindo que os alunos sejam treinados (DOBRESCU, 2006; p.169).

Percebeu-se que, quando a música acompanha a atividade física, os alunos encontram mais satisfação no exercício. Em um ambiente de educação física, o uso da música para acompanhar a atividade física pode servir a muitos propósitos benéficos que inclui, por exemplo, a criação de uma resposta positiva e uma atmosfera atraente. Esse tipo de ambiente convida os alunos a aprender e aproveitar as aulas mantendo seu interesse.

O uso da música como acompanhamento da atividade física também estimula a liberdade de expressão corporal. Tatiana (2010) lembra que, para muitos, a música fornece uma segurança que diminui sua autoconsciência de seu desempenho e permite que eles se sintam mais à vontade para fazer o melhor que podem na atividade. Outros propósitos benéficos no uso da música são que ela contribui para o desenvolvimento da memória e da atenção distributiva facilitando a internalização de habilidades e habilidades motoras.

INCORPORANDO A MUSICA AO ENSINO FUNDAMENTAL

Na sociedade mecanizada de hoje, as vidas das crianças se tornaram muito mais sedentárias do que as dos pais e avós diante de vários fatores que contribuem para a diminuição das suas atividades físicas das crianças, como horários agitados dos adultos, mudanças na sociedade incluindo consumo de alimentos gordurosos e industrializados, diminuição nos espaços seguros de lazer ao ar livre e o aumento da quantidade de instrumentos tecnológicos que tornam a vida diária menos física (ANDERSON & BUTCHER, 2006).

Anderson & Butcher (2006) destacam que as crianças raramente experimentam brincadeiras ao ar livre e passam muito tempo brincando dentro de casa com jogos de computador ou assistindo televisão. Todos esses fatores, segundo Caprio (2006), contribuem para o risco de obesidade infantil, reconhecida agora como um grande problema de saúde mundial.

Para Lumeng (2009) a taxa de obesidade que vem aumentando rapidamente, mesmo entre bebês e crianças pequenas, é impulsionada por fatores que podem predispor crianças a essa condição, por vezes, já nos primeiros 3 anos de vida. Crianças obesas correm risco de ter algumas das mesmas condições de saúde que adolescentes e adultos obesos como, por exemplo, diabetes 2, colesterol alto e hipertensão arterial, todos fatores de risco que contribuem para doenças cardíacas e derrame.

As crianças pequenas precisam se envolver em atividades físicas diárias para usar calorias, manter o tecido muscular, desenvolver habilidades de coordenação e aprender a se expressar, bem como desenvolver habilidades sociais. Daí a necessidade de se desenvolver, na escola, um ambiente onde as crianças possam brincar, explorar livremente e se sentir seguras.

Assim, os professores podem implementar atividades lúdicas que estimulem as crianças pequenas a pular, andar nas pontas dos pés, marchar, atirar e chutar bolas, pedalar e se engajar em muitos outros tipos de movimento, pois, segundo Bailey (2006), as habilidades de movimento que são aprendidas nos primeiros anos da infância constroem a base para quase todas as atividades físicas mais tarde na vida.

Muito da aprendizagem precoce é transmitida através dos grandes músculos, por isso Wood recomenda que os pré-escolares passem cerca de um quarto do seu dia escolar em atividade física. As crianças nessa idade são seres muito ativos e apreciam oportunidades de criatividade e movimento, especialmente atividades físicas sem restrições (COPPLE & BREDEKAMP, 2009).

Professores que trabalham com crianças no segmento do Ensino Fundamental I e II as educam não apenas nos aspectos relacionados ao pensamento e sentimento da criança, mas também seus movimentos. Segundo Pica (2009), para ajudá-las a se tornarem ativas, a mudança para a música pode desempenhar um papel importante nas atividades escolares diárias dessas crianças. A música e o movimento são aspectos fundamentais das brincadeiras das crianças, de modo que, quando ouvem música, as crianças têm a oportunidade de se divertir, ouvir e cantar.

As crianças não apenas ouvem música, mas também experimentam reações emocionais, o que acaba motivando o movimento. As diretrizes curriculares estabelecidas para as crianças pequenas, em sua maioria, delineiam que as crianças devem ter amplas oportunidades de ouvir música enquanto cantam, movem-se, escutam e tocam alguns instrumentos musicais.

Por isso os professores são encorajados a proporcionar a elas oportunidades para verbalizar e visualizar atividades musicais e rela

cionadas ao brincar como, por exemplo, cantar, imitar sons, balançar-se, bater palmas, e se movimentarem da forma como quiserem.

Crianças pequenas se beneficiam experimentando música através de seus sentidos audição e sentimento, bem como experimentando com suas vocalizações. Assim, destacam Edwards et al., (2009) ensinar os hábitos saudáveis das crianças é vital para manter pesos saudáveis e construir músculos fortes. Encorajar as crianças a se envolverem em atividades de movimento com música pode ajudá-las a apreciar a importância da atividade física vigorosa e da ingestão de alimentos saudáveis.

Como a música naturalmente aprimora o currículo e o ambiente fornecendo energia, vida, alegria e diversão, Sorte & Daeschel (2006) destacam algumas ideias sobre como implementar atividades de música e movimento para o Ensino Fundamental I pois, segundo ele, é fundamental integrar atividades de música e movimento, tanto professores como membros da família, principalmente sobre hábitos saudáveis, dando um bom exemplo e fornecendo às crianças oportunidades abundantes de comer alimentos saudáveis, conversando com elas sobre como seus corpos estão crescendo e a importância da atividade física, e incentivando-as a construir suas habilidades motoras físicas.

Para Humpal & Wolf (2003), as crianças pequenas provavelmente participarão em diferentes níveis nas atividades de música e movimento. Alguns pré-escolares podem apenas ouvir música, alguns podem apenas observar os movimentos dos outros e outros podem participar da atividade. As atividades musicais e de movimento mais atraentes são agradáveis evoluntárias para que todas as crianças possam apreciar a alegria e a beleza da experiência por si mesmas.

Já Isenberg & Jalongo (2001) defendem que, quando os professores oferecem atividades intrigantes às crianças diariamente, é provável que as mais relutantes se juntem ao longo do

tempo. As primeiras experiências das crianças com atividades de movimento influenciam seu conhecimento posterior, desenvolvimento de conceitos, habilidades e atitudes. Daí ser essencial selecionar estratégias de ensino apropriadas.

É preciso muitas vezes que o professor incorpore as atividades físicas diárias das crianças para que a música continue seguindo seu curso de alegria e previsibilidade e não crítica ou competitiva. Humpal & Wolf (2003) lembra que alguns chegam a dizer: "Eu não canto para as crianças na minha sala de aula porque não posso cantar". No entanto, ressalta, não se trata de um talento musical com o qual os professores precisam se preocupar, mas sim a importância de incorporar experiências musicais nas crianças na sala de aula.

CONCLUSÃO

Enquanto diferenças significativas podem ser encontradas e atribuídas à própria natureza das diferenças entre os mais variados tipos de esporte como, voleibol, basquetebol ou futebol, muitas diferenças significativas encontradas vêm sendo encontradas, descritas e atribuídas à intervenção do uso da música durante a atividade física.

No atual sistema de ensino, a Educação Física tem um novo significado e dimensão, substancialmente modificados a partir dos promovidos pelas práticas tradicionais de ensino, de onde se foca na acentuação do caráter formativo do processo educativo-instrucional dando mais atenção aos métodos, meios e formas de organizar a atividade dos alunos durante a aula que sejam capazes de estimular os alunos a se tornarem mais ativos durante a ação educativa.

A música pode ajudar a aumentar a contagem de passos e os níveis de diversão, não apenas para a atividade, mas também

para as aulas de educação física. Portanto, se os professores estiverem procurando uma forma de aumentar a contagem de passos, o tempo de atividade e o nível de diversão, a adição de música ao plano de fundo da atividade pode ajudá-los a atingir essas metas.

Os docentes vêm descobrindo que, ao tocarem música em suas aulas, muitos de seus alunos dançam quando a atividade permite que eles o façam, ou também cantam se souberem as letras aumentando seu nível de energia pelo fato da música ser um fator positivo na sala de aula que ajuda a criar uma atmosfera mais agradável para todos ao mesmo tempo em que aumenta as taxas de atividade física.

Devido ao desenho deste estudo e os dados aqui encontrados, espera-se que possa ser utilizado como base para futuras ideias de pesquisa dentro desta área de forma que ajude a fortalecer o uso da música como instrumento motivador na prática de atividades físicas no ensino fundamental pelos efeitos já comprovados durante o exercício físico.

Assim, entende-se que a música se tornou um dos meios que podem contribuir para o aprimoramento da aula de Educação Física devido a sua concordância com os movimentos, devendo assim, na medida do possível, estar presente em todas as aulas de educação física, especialmente nas que ensina ginástica.

Dobrescu (2006) alcançou um índice de confirmação desta afirmação com 93,48% dos professores inquiridos em sua pesquisa e que atribuíram à música a criação de um ambiente agradável e que estimula o movimento, a imaginação criativa facilitando o desenvolvimento de habilidades e hábitos motores, além de ajudar a dissipar a sensação de cansaço e estimulando a exposição de sentimentos e emoções.

Assim, o uso da música durante a aula, desejado pela maioria dos alunos, até mesmo por criar um ambiente de trabalho agradável

e envolvente sem que se sintam cansados, é uma proposta pedagógica distante de nossas escolas, condenando-nos às mesmas aulas repetitivas e conduzidas das mais variadas e pessoais formas, sem a motivação e os avanços, é claro, que a inserção da música poderia proporcionar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Patricia; BUTCHER, Kristin. (2006). *Childhood obesity: Trends and potential causes*. The Future of Children, 16(1), 19-45.

BAILEY, Richard. (2006). Physical education and sport in schools: A review of benefits and outcomes. *Journal of School Health.* 76(8), 397-401.

BARNEY, David; GUST, Anita; LIGUORI. Gary. (2012). *College students' usage of personal music players (pmp) during exercise*. The ICHPER-SD Journal of Research.

CAPRIO, Sonia. (2006). *Treating child obesity and associated medical conditions.* The Future of Children, 16(1), 209-224

COPPLE, Carol; BREDEKAMP, Sue. (Eds.). (2009). Developmentally appropriate practice in early childhood programs: Serving children from birth through age 8 (3rd ed.). *Washington, DC: National Association for the Education of Young Children.*

DOBRESCU, Tatiana. (2007). Dimensiuni ale comunic

DUNN, Ronald. Edward. (2010). *Life music as a beginning point: Connecting with the intuitive listener.* Paper presented at the meeting of Center for the Study of Education and Musical Experience, Northwestern University, Evanston, IL.

EDWARDS, Linda; BAYLESS, Kathleen; RAMSEY, Marjorie. (2009). *Music and movement: A way of life for the young child* (6th ed.). Upper Saddle River, NJ: Merrill.

HARMS, J; RYAN, S. (2012). Using music to enhance physical education. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*. 83(3), 11-12 & 55.

HUMPAL, Marcia; WOLF, Jennifer. (2003). *Music in the inclusive environment*. Young Children, 58(2), 103-107.

ISENBERG, Jamil; JALONGO, Michael. Rohr. (2001). *Creative expression and play in early childhood* (3rd ed.). Upper Saddle River, NJ: Merrill Prentice Hall.

KARAGEORGHIS, Clarice. I; JONES, Laura; LOW, Daryl. (2006). *Relationship between exercise heart rate and music tempo preference.* Research Quarterly for Exercise and Sport, 77, 240-250.

LUMENG, J. (2009). *What can we do to prevent childhood obesity?* Early Childhood Education, 20, 85-91.

NORTH, A. C; HARGREAVES, D. J; HARGREAVES, J. J. (2004). *Uses of music in everyday life.* Music Perception, 22(1), 41-47. doi: 10.1525/mp.2004.22.1.41.

NORTH, A. C; HARGREAVES, D. J; O'NEILL, S. A. (2000). *The importance of music to adolescents.* British Journal of Education Psychology 70(2), 255-272.

PICA, R. (2010). *Experiencing movement & music* (4th ed.). Belmont, CA: Wadsworth.

POTTEIGER, J. A; SCHROEDER, J. A; GOFF, K L. (2002). *Influence of music on ratings of perceived exertion during 10 minutes of moderate intensity exercise.* Perceptual and Motor Skills, 91, 848-854.

PRIEST, D. L; KARAGEORGHIS, C. I. (2008). A qualitative investigation into the characteristics and effects of music accompanying exercise. *European Physical Education Review,* 14, 347 366.

PRIEST, D. L; KARAGEORGHIS, C. I; SHARP, N. C. (2004). The characteristics and effects of motivational music in exercise settings: The possible influence of gender, age, frequency of attendance, and time of attendance. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 44, 77-86.

TATIANA, D. (2010). Study on improving the physical education lesson through the use of music in primary school. *Timisoara Physical Education and Rehabilitation Journal,* 3(5), 13-18.

4

Dayse Sampaio Lopes Borges
Maria de Lourdes Ferreira Medeiros de Matos
Alcemar Antônio Lopes de Matos
Fernanda Castro Manhães
Carlos Henrique Medeiros de Souza

A MÚSICA E SUA CONEXÃO PARA O BEM-ESTAR DO SER HUMANO

DOI: 10.31560/pimentacultural/2019.935.68-89

Resumo: A música promove significados para os seres humanos, e sua presença pode ser observada várias esferas da vida das pessoas, desde tempos antigos. Teóricos têm afirmado sobre a sua atuação para o bem-estar humano. A música promove alegria, motivação, satisfação entre outros sentimentos da emoção. Também é capaz de afetar os níveis de energia das pessoas. Considerando esses pontos, objetivou-se investigar a música e sua conexão para promover o bem-estar dos seres humanos. Para conduzir essa pesquisa adotou-se a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa com a fundamentação de cinco autores que trazem relatos sobre o tema. Os resultados comprovaram que a música promoveu emoções, motivações e relaxamento nos sujeitos das pesquisas selecionadas.

Palavras-chave: Música. Bem-estar. Mundo pós-moderno.

Considerações iniciais

Vive-se atualmente no mundo contemporâneo que exige muitas adaptações ao indivíduo. Segundo Bauman (2013, p. 26), "o progresso, em suma, passou do discurso da melhoria compartilhada da existência para o discurso da sobrevivência pessoal". Muitas pessoas não conseguem lidar no cotidiano com as pressões que surgem com a falta de tempo, o excesso de trabalho, a necessidade do consumo e a insatisfação em tentar equilibrar todas as coisas. O estresse e a ansiedade têm sido apontados como um mal do século. Buscar equilíbrio nem sempre é fácil, porém, procurar o autoconhecimento amadurece e utilizar algumas estratégias que ajudem à promoção do bem-estar humano pode fazer toda a diferença para esse mundo líquido em que se vive.

Para Kaplan, Sadock e Grebb (1997) a conceituação cognitiva da sociedade sugere que o indivíduo ansioso tem padrões de pensamentos incorretos, distorcidos, que precedem de comportamentos inadaptados e transtornos emocionais. O sujeito ansioso tende a superestimar as situações e entende o perigo, as ameaças, o comprometimento a sua integridade física ou psicológica em momentos que poderiam ter mais controle de si mesmos. Para equilibrar esse processo desordenado algumas estratégias e atitudes precisam ser definidas.

Nesse estudo, tem-se a música como uma estratégia que pode ajudar a equilibrar o indivíduo levando-o ao bem-estar para tirar o foco do estresse e ansiedade. A música na sociedade é uma das formas de representação vital para os indivíduos. A música afeta os níveis de energia e os sentimentos das pessoas. Para Gainza (1998, p. 36) "[...] a música movimenta, mobiliza e por isso contribui para a transformação e para o desenvolvimento". Há registros de a música ser utilizada na antiguidade em sociedades muito primitivas e também na

antiga Grécia que tanto nos deixou legados. A música evoluiu a partir de elementos da natureza, como flauta feita por ossos (GRANJA, 2010), até chegar à modernidade da música digital.

Através da música acalenta-se o coração ansioso de uma gestante, possível ninar bebês e até motivar exércitos para um combate. A presença da música é determinante em todas as épocas da história. Em festas religiosas, no período das colheitas, em banquetes, casamentos, formaturas, entre outros, pois a música expressa algo que não é possível encontrar nas formas de comunicação verbal ou escrita. A música motiva e emociona (BORGES; DAMATTA, 2018). Para Penna (2015) "[...] Sendo uma linguagem artística, culturalmente construída, a música – juntamente com seus princípios de organização – é um fenômeno histórico e social". Ademais, segundo Borges (2018, p. 25), "[...] vivemos em um mundo mergulhado em música".

Vida pós-moderna – Ansiedade e estresse

A vida na pós-modernidade tem sido evidenciada por inúmeras situações que podem ser consideradas como tragédias. Muitas dessas situações são produzidas pelo próprio indivíduo, pelo ambiente onde se trabalha, pela liquidez nos relacionamentos, e essas fragilidades acontecem em diversas ordens e até por intempéries naturais. Segundo Lipp (*Apud* ANGELOTTI, 2007), ao se promover uma análise nesses eventos, é possível notar que seus efeitos têm apresentado uma fonte de ansiedade na vida das pessoas, ocasionando um palco onde o estresse e a ansiedade tornam-se evidentes.

O mundo contemporâneo é caracterizado por uma tempestade de mudanças que faz com que as pessoas sofram e apre

sentem situações de estresse e ansiedade cotidianamente. São inúmeras mudanças que afetam as pessoas como a diminuição das distâncias, o tempo que parece estar acelerado, o consumismo exacerbado, a rápida circulação do capital, os meios de transporte cada dia mais eficientes, a *Internet*, a necessidade de se estar conectado às redes sociais, a busca incessante por mais dinheiro, mais posição, mais destaque, mais cobranças. Essas e outras situações que a pós-modernidade impõe fazem com que os valores e padrões das pessoas sejam modificados e em algumas situações – ou muitas – desequilibrados. O período da pós-modernidade transformou consideravelmente a cultura, as práticas sociais, as formações discursivas, mudando a forma de se ver e se estar no mundo (HARVEY, 2004).

Com toda essa mudança que está ocorrendo na sociedade, à ansiedade tem se instalado na vida contemporânea. A ansiedade é um processo que tem crescido em todo o mundo e transformou-se em uma das grandes causas dos distúrbios de saúde e por muitas vezes incapacitante. Segundo Cordioli e Manfro (2004):

> A ansiedade é um estado emocional vivenciado com qualidade subjetiva do medo. É uma resposta a situações de perigo ou ameaças reais, como aos estresses e desafios do cotidiano. É caracterizada por apresentar sintomas somáticos, como taquicardia, palpitação, dificuldade respiratória, tremor, calorões, calafrios, tensão muscular, náuseas, dor de cabeça, sudorese etc. Sintomas cognitivos como dificuldade de concentração, pensamento catastrófico, hipervigilância, medo de perder o controle. Sintomas comportamentais como inquietude, isolamento e esquiva. Sintomas emocionais como medo, apreensão, irritabilidade e impaciência, e sintomas perceptivos como despersonalização, desrealização e hiper-reatividade aos estímulos (CORDIOLI; MANFRO, 2004, p. 863-73).

A ansiedade é um fenômeno que têm se instalado em todas as classes sociais dentro da sociedade contemporânea. É possível ter notícias de muitas pessoas agindo com tensão, ansiedade, angustia e se sentindo incapazes de desempenhar as suas múltiplas funções

que a sociedade contemporânea impõe. Para Molina (1996) a ansiedade é um processo psicossocial que afeta milhões de pessoas no mundo inteiro. De maneira paralela, porém muito semelhante ao estresse, a ansiedade surge com pequenas sutilidades e chega a levar o indivíduo a desenvolver vários medos, apreensões e sentimentos de incompetência que não permite o indivíduo avaliar o tipo de situação em que está vivendo. Molina (1996) ainda considera que a ansiedade e o estresse podem ocorrer com sintomas concomitantes.

A vida moderna tem ao seu lado além da ansiedade, o estresse, que provoca grande parte das manifestações de diversos problemas nas pessoas. O *stress* é uma resposta complexa do organismo, que envolve reações físicas, psicológicas, mentais e hormonais frente a qualquer evento que seja interpretado pela pessoa como desafiante (LIPP; MALAGRIS, 2001).

As nossas respostas corporais são alteradas pelo estresse. Carrobles (1996, p. 419 *apud* LIPP; MALAGRIS, 2001) sintetizou as respostas corporais que são alteradas durante o estresse, e suas observações conforme seguem no quadro1:

Alterações físicas geradas pelo estresse	
Aumento da afluência de sangue ao cérebro.	Sistema nervoso central
Facilitação da atividade mental: sensações, percepção, concentração, pensamento e processamento da informação, em geral, relacionada à fonte de *stress*.	Sistema nervoso central
Interrupção da atividade mental que se estiver realizando previamente.	Sistema nervoso central
Aumento da frequência cardíaca.	Sistema nervoso autônomo
Aumento da pressão sanguínea.	Sistema nervoso autônomo
Alterações da frequência respiratória: hiperventilação, dilatação brônquica.	Sistema nervoso autônomo

Vasoconstrição periférica: mãos e pés frios.	Sistema nervoso autônomo
Aumento do fator de coagulação do sangue.	Sistema nervoso autônomo
Aumento da atividade eletrodermal e da sudorese.	Sistema nervoso autônomo
Aumento de secreções gástricas.	Sistema nervoso autônomo
Redução da saliva e do PH salivar.	Sistema nervoso autônomo
Redução da afluência de sangue ao trato digestivo: dificuldades digestivas.	Sistema nervoso autônomo
Redução da afluência ao trato reprodutor: dificuldades sexuais.	Sistema nervoso autônomo
Aumento da afluência de sangue aos grandes grupos musculares: pernas, braços.	Sistema nervoso somático
Tensão muscular generalizada	Sistema nervoso somático
Alterações hormonais generalizadas.	Sistema nervoso endócrino
Aumento de hormônios de efeitos catabólicos: catecolaminas (adrenalina e noradrenalina), hormônio adrenocorticotrófico (ACTH).	Sistema nervoso endócrino
Cortisol e seu metabólico o 17 – hidroxicorticosteróide (17 – OHCS), aldosterona, tiroxina, hormônio do crescimento (GH).	Sistema nervoso endócrino
Redução inicial e aumento posterior de hormônios de efeitos anabólicos: andrógenos, estrógenos, insulina.	Sistema nervoso endócrino
Aumento inicial da atividade e da eficácia imunológica.	Sistema nervoso imunológico
Redução final de atividade e da competência imunológica.	Sistema nervoso imunológico

Quadro 1- Respostas corporais ao estresse.

Esse cenário de pós-modernidade tem sido caracterizado por indivíduos mais inseguros, pois há muitas opções a seguir frente a tantos apelos mercadológicos que os rodeiam. Há a cobrança de ser melhor profissional, e muitas vezes a área profissional gera os

conflitos de ansiedade pela busca de ser o mais competente, mais profissional, com o melhor salário, o que tornam as pessoas intensamente ansiosas.

Ademais os ambientes são exageradamente ruidosos. Sejam os ambientes de trabalho ou o próprio cotidiano. Com isso, a Psicologia em um esforço interdisciplinar vem tentando traçar meios de compreender a complexa condição humana nessa sociedade que exige dos indivíduos constantes adaptações.

Desta forma, o profissional da psicologia usa da música como uma das estratégias de relaxamento, técnica utilizada tanto na psicologia clínica assim como da saúde, uma estratégia de relevância na redução do estresse e ansiedade. Para Vera e Vila (2002 *apud*, Silva *et al*., 2012), essas técnicas constituem um conjunto de procedimentos de intervenção que podem ser úteis para a psicologia aplicada em geral.

Embora a música venha sendo utilizada para fins curativos desde os primórdios da humanidade, somente em meados do século XX sua utilização como recurso terapêutico começou a ser sistematizada cientificamente a partir do surgimento da musicoterapia (BENEZON, 1988; COSTA 1989; RUUD, 1990 *apud* SILVA *et al*., 2012). Segundo Cunha e Volpi (2008 *apud* SILVA *et al.*, 2012), a musicoterapia é um campo da ciência que estuda o ser humano, suas manifestações sonoras e a interação entre o ser humano, a música e seus elementos sonoros (timbre, altura, intensidade e duração).

A importância da música

Muitas pesquisas evidenciam a música como uma estratégia promotora de sentido, significado e significação para os

seres humanos. Granja (2010, p. 18) afirma que "a música é uma linguagem que fala diretamente aos sentidos e, por essa razão, está intimamente ligada à percepção". DaMatta (2012, p. 112) afirma que "[...] sobre esse poder mágico da música, quem sabe a gente vai poder se abrir ao alento dos sons harmoniosos". Corrobora com essa afirmação Borges e DaMatta (2017) quando afirmam que:

> A música desperta emoções, sentimentos e pensamentos que trazem à memória lembranças da trajetória das pessoas. Por meio da música, as situações cotidianas ganham mais sentido e significado, ao assistir, por exemplo, a um filme romântico e emocionante como "Titanic" ou sentir a adrenalina do filme "Velozes e Furiosos". As propagandas ou os desenhos animados, sem a música, não produziriam o mesmo efeito de memorabilidade e estímulo ao consumismo (BORGES; DAMATTA, 2017, p. 159).

A música está presente na vida das pessoas desde épocas pré-históricas evidenciadas pela descoberta de flautas de osso em registros arqueológicos antigos (JOURDAIN, 1998). Para Zimmermann (1996), o som precede a criação do homem. Segundo Borges e DaMatta (2017, p. 179) "a música precisa ser amplificada, pesquisada, discutida, tocada, cantada e valorizada" no cotidiano da sociedade.

No dia a dia das pessoas, as músicas permitem a expressão de sentimentos, situações, informações acerca dos seres vivos, dos processos científicos e dos espaços que se vive (BARROS *et al.*, 2013). Ademais, a música é reconhecida por afetar os sentimentos e os níveis de energia dos seres vivos. Sobre isso DaMatta (2012, p. 115) afirma que "[...] agora você sabe por que se canta no banheiro. Certas melodias têm tanta vida que obrigam a sua manifestação, mesmo pelos maus cantores. Eles não cantam nada, mas são, sim, cantados por essas grandes músicas". De acordo com Borges (2018):

> Nos últimos tempos, têm-se observado a crescente propagação da utilização da música nos mais diversos ambientes e com fins distintos. A música pode promover um caráter musicoterapêutico. Cada indivíduo recebe benefícios pessoais da diversidade de gêneros, estilos e artistas, de acordo com suas preferências musi

> cais. Existem pessoas que se acalmam com música clássica e outras que preferem o Rock and Roll; mas a verdade é que a música sempre produz seus efeitos (BORGES, 2018, p. 51).

Ao se considerar que os níveis de energia podem ser alterados ao se ouvir uma música, tem-se relatos de estudos que comprovam que o feto é capaz de escutar e participar da música ainda no útero materno e ao nascer, um bebê é acalentado quando escuta as primeiras canções de ninar. Borges (2018, p. 52) corrobora que "[...] pesquisas sugerem que os sons e ritmos uterinos promovem conforto, segurança e sobrevivência para o feto. Dentro do universo uterino há nutrição, sustentação, apoio e indução ao crescimento" e essa música é confortável ao feto. Jeandot (2005) corrobora que:

> A receptividade à música é um fenômeno corporal. Ao nascer a criança entra em contato com o universo que a cerca: sons produzidos pelos seres vivos e pelos objetos. Sua relação com a música é imediata, seja através do acalanto da mãe e do canto de outras pessoas, seja através dos aparelhos sonoros de sua casa (JEANDOT, 2005, p. 18).

A música mantém o cérebro ativo (SACKS, 2012). Na fase estudantil, muitos são os relatos que a música atua beneficamente na cognição. Para Borges e DaMatta (2016, p. 820) "[...] é preciso que a escola se reconheça como mediadora de cultura dentro do processo educativo, aproximando o que o alunato está em contato cotidianamente com o processo ensino–aprendizagem. A utilização da música na escola pode favorecer para que isto ocorra". E segundo Berk (2008, p. 50) "[...] a música ajuda a manter o foco e concentração. Ao tocar o sistema límbico com emoções agradáveis, informações passam para a memória de longa duração". Quanto às melodias, DaMatta (2012, p. 111) considera que elas "[...] ajudam a dar forma a sentimentos e emoções complexas". Borges e DaMatta (2017) corroboram que:

> A música atua sobre as pessoas afetando-as emocionalmente e produz uma metáfora social e cultural quando unifica grupos, comunidades e nações com sua melodia envolvente e significativa. Pode

> também permitir que se evoquem lembranças, sentimentos, além de atuar de forma positiva ou negativa sobre a saúde dos seres vivos, animais e vegetais. (BORGES; DAMATTA, 2017, p. 178).

MÚSICA E SUA ATUAÇÃO PARA O BEM-ESTAR DO INDIVÍDUO

Segundo Hantem (2006), a ciência começa a investigar o efeito da música sobre as funções fisiológicas dos seres humanos, dentre elas a frequência cardíaca, respiratória e os efeitos vibratórios gerais no final do século XVIII, e com isso, iniciaram-se estudos de investigação sobre a relação da música com as respostas fisiológicas e psicológicas do organismo humano. DaMatta (2012, p. 111) ainda corrobora:

> Como tudo que é humano, há melodia para tudo: para matar e morrer, para denegrir, vender, prostituir, curtir e sublimar. Existe até a música que exalta a dor e suspende a compaixão como as marchas militares e os cantos políticos partidários. A gente nasce chorando, mas cresce e se faz e desfaz com música. [...] Pois são essas melodias que, já naqueles dias de conturbada transição da meninice para a vida adulta, ajudavam a dar for-ma a sentimentos e emoções complexas (DAMATTA, 2012, p. 111).

Gatti e Silva (2007) afirmam que já no século XIX, a música vinha sendo utilizada pelas instituições psiquiátricas, onde já era possível observar que a audição de melodias suaves era capaz de acalmar pacientes agitados, o que é corroborado por Nunes-Silva *et al.* (2012), pois estes também afirmam que as músicas consideradas sedativas, com andamento lento e poucas variações rítmicas, podem reduzir o estresse e favorecer o relaxamento, sinalizando de forma positiva para sua utilização como um instrumento facilitador do processo terapêutico.

Nesse artigo objetivou-se através de pesquisa bibliográfica relacionar alguns relatos sobre a influência da música para o bem-estar humano e, portanto analisou-se o cruzamento de cinco

teóricos que em seus livros relatam pesquisas realizadas sobre o tema, conforme especificado na tabela 1:

Ano	Título do livro	Autor
1984	O poder oculto da música	TAME, D.
1994	O poder terapêutico da música	McCLELLAN, R.
2007	Da música: seus usos e recursos	SEKEFF, M. L.
2011	Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva	BRESCIA, V. P.
2012	Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro.	SACKS, O.

Tabela 1 – Cinco livros selecionados que abordam pesquisas onde a música atuou com benefícios comprovados para o bem-estar humano.

Tame (1984) relata sobre como a música exerce influência na área física, intelectual, emocional, entre outras. O autor apresenta relatos sobre como a harmonia musical influencia o ser humano nos mais diversos níveis a começar no físico. Sobre isso, Tame (1984) relata:

> O corpo é afetado de acordo com a natureza da música cujas vibrações incidem sobre ele [...] A pressão sanguínea é abaixada pelos acordes ininterruptos e elevada pelos acordes secos, repetidos. [...] A tensão da laringe sofre a influência de melodias, contraindo-se, por exemplo, durante uma série descendente de acordes. Como a laringe é muito sensivelmente influenciada pela corrente constante das emoções e dos processos mentais do homem, suas reações à música talvez indiquem o que é basicamente um efeito da música sobre a psique. [...] a música afeta o corpo [...] (TAME, 1984, p. 147).

A música é física e não é possível concebê-la abstrata, nem insubstancial. Ademais, as vibrações aéreas são capazes de despedaçar um vidro (TAME, 1984). O autor (1984, p. 26) fomenta que “a música e outras formas de som provocam todos os tipos de ressonâncias vibratórias em objetos à distância”. Ao reconhecer essa influencia vibratória – por ondas – que a música exerce, tem-se confirmada a sua influência sobre as células que formam o ser humano. Tame (1984) ainda relata:

> A música exerce poderosa influência sobre a atividade muscular, que aumenta ou diminui de acordo com o caráter das melodias empregadas. Quando é triste ou o seu ritmo é lento, e em tom menor, a música diminui a capacidade de trabalho muscular a ponto de interrompê-lo de todo se o músculo estiver fatigado por um trabalho anterior. A conclusão geral é que os sons são dinamogênicos ou de que a energia muscular aumenta com a intensidade e a altura dos estímulos sonoros (TAME, 1984, p. 147).

Com essas colocações é possível estabelecer a ligação entre as ondas sonoras que dependendo do seu ritmo podem acalmar ou agitar as pessoas e influenciarmos mais diversos níveis. Por exemplo, o autor (1984, p. 149) cita que "[...] o ritmo acelerado libera na corrente sanguínea substâncias químicas que excitam o organismo, pode dizer-se que essa música dá um chute". O contrário também é verdade, o ritmo mais lento desacelera a mente e o coração "[...] um ritmo igual ao da pulsação cardíaca nos acalma, como se o nosso corpo pensasse consigo só: 'Ah, está bem, estamos ambos em uníssono" (TAME, 1984, p. 149). Tame (1984, p. 149) enfatiza que:

> A música pode, positivamente, modificar o metabolismo, afetar a energia muscular, elevar ou diminuir a pressão sanguínea e influir na digestão. E pode fazer todas essas coisas com maior sucesso e de maneira bem mais agradável do que quaisquer outros estimulantes capazes de produzir as mesmas alterações em nosso corpo (TAME, 1984, p. 149).

Para McClellan (1994) a música é uma manifestação de energia que interage com o mundo físico. "Tudo está em fluxo. [...] tudo está em movimento – toda à matéria está se movendo e mudando suas formas e manifestando a energia que há nela" (MCCLELLAN, 1994, p. 09). A música influencia os pensamentos, emoções, corpos físicos densos e campo eletromagnético ao redor dos indivíduos. Ademais, "o som é uma forma de energia causada por vibração. Combinado com o ritmo, resulta na música". McClellan (1994) afirma que:

> [...] todas as coisas e todos os seres produzem sons de acordo com sua própria natureza e com o estado particular em que se encontram. Isso porque são agregados de átomos que dançam e, por

> esse movimento, produzem sons. Quando muda o ritmo da dança, o som que ela produz também muda... cada átomo canta perpetuamente suas canções, e o som a cada momento produz formas sonoras densas e sutis (MCCLELLAN, 1994, p. 149).

Portanto, o mundo é cercado por sons. O mais ínfimo átomo promove sons abaixo do limiar da percepção. Os processos fisiológicos dos seres humanos percebem a sonoridade de acordo com o limiar da audição. Porém McClellan (1994) ainda afirma que:

> A música resulta de nossos processos biológico, afetivo, cognitivo e espiritual, e é uma atividade inerente ao homem. Por isso mesmo, reagimos a ela em todos os quatro níveis. A reação biológica implica processos corporais tais como ritmo e profundidade da respiração, ritmo cardíaco e coisas do gênero. A resposta afetiva envolve a emoção. A reação cogniti-va diz respeito à satisfação e à estimulação estéticas. Uma reação cognitiva diz respeito à satisfação e à estimulação estéticas. Uma reação espiritual é transpessoal, no sentido de experimentarmos algo de transcendental (MCCLELLAN, 1994, p. 38).

McClellan (1994) defende que o princípio que através do som nosso corpo pode ser equilibrado. "O som é uma energia vibratória que interage com a energia vibratória das estruturas corporais através da ressonância" (MCCLELLAN, 1994, p. 56). Existe o chavão "quem canta seus males espanta" que há muito tempo circula pelos ditos populares. Cantar é uma das formas de utilizar os benefícios da música para o bem-estar humano. McClellan (1994) sobre isso considera:

> Cantar regula, sustenta e aprofunda a respiração, aumenta a sensibilidade do sistema auditivo e refina os processos sensoriais internos. O canto pode fazer ressoar todo o corpo físico e o campo eletromagnético, envolver plenamente a mente, dar às emoções um veículo para a expressão e produzir uma sensação de bem-estar generalizado. Quando combinamos o canto de notas sustentadas com vogais específicas e concentração dirigida, podemos, além disso, revitalizar nossos órgãos internos, tonificar nosso sistema glandular endócrino e acalmar o sistema nervoso. Em resumo, a qualidade de nossa voz pode ser um reflexo das nossas condições – ou saúde emocional, física e espiritual (MCCLELLAN, 1994, p. 81).

Outro ponto que McClellan (1994) considera é o efeito da música sobre nossos processos fisiológicos também já foi pesquisada na relação dos dois hemisférios do córtex cerebral. O hemisfério esquerdo tem a capacidades cognitivas e verbais para o pensamento linear e a memorização. Já o hemisfério direto, tem a predominância da visão intuitiva, imaginação, ideias criativas. Porém os dois hemisférios interagem quando se escuta uma música (MCCLELLAN, 1994). McClellan (1994) ainda corrobora que:

> Enquanto o hemisfério esquerdo colhe informações e as libera passo a passo – é o hemisfério que você está usando para ler e assimilar estas palavras –, o direito junta informações e as solta em jorros de visão holística. É plausível que a música integre essas duas funções, posto que os dois hemisférios estão envolvidos sempre que criamos, executamos ou escutamos música (MCCLELLAN, 1994, p. 81).

A terceira autora, Sekeff (2007), afirma que a música é um poderoso agente de estimulação ao nível sensorial, motor, emocional, intelectual, além de ter o poder de evocar, associar e integrar experiências. Para a autora a música age no equilíbrio psíquico, e como vibração sonora ao pulsar no tempo, age fisiologicamente, entre outros inúmeros campos de atuação. Para Sekeff (2007):

> Música não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncios, em busca do chamado gozo estético. Ela é também um recurso de expressão (de sentimentos, ideias, valores, cultura, ideologia), um recurso de comunicação (do indivíduo consigo mesmo e com o meio que o circunda), de gratificação (psíquica, emocional, artística), de mobilização (física, motora, afetiva, intelectual) e autorrealização (o indivíduo com aptidões artístico-musicais mais cedo ou mais tarde direciona-se nesse sentido, seja criando – compondo, improvisando – re-criando – interpretando, tocando, cantando, "construindo" uma nova parição (SEKEFF, 2007, p. 14).

Os antigos consideravam a música como uma poderosa força mágica, porém, hoje, com o avanço das pesquisas científicas é possível afirmar a sua força de ação fisiológica e também psicológica. "Falar do poder da música é assinalar de algum modo a sua influência no ser humano" (SEKEFF, 2007, p. 69). E Sekeff (2007) afirma:

> Em termos essencialmente psicológicos a música colabora no estabelecimento do equilíbrio afetivo e emocional do indivíduo, propiciando desafogo e alívio de angústias. Bem escolhida, ela induz calma, relaxamento, e propicia um significativo sentimento de bem-estar. [...] O poder da música remete assim à biologia e à psicologia do som, às vibrações e às relações sonoras repercutindo no indivíduo todo, induzindo ecos e ressonâncias. Seu estímulo abala o sistema sensorial, motor, afetivo, mental; provoca mudanças no metabolismo, acelera e altera a regularidade da respiração, determina efeito acentuado mas variável sobre o volume sanguíneo, o pulso e a pressão arterial, abaixa o limiar em relação a estímulos sensoriais de diversos tipos, participa das bases da gênese das emoções, repercute sobre as glândulas de secreção interna, atua sobre o córtex cerebral, o sistema neurovegetativo, o ritmo cardíaco, a amplitude respiratória, o sistema neuroendócrimo, e no caso de sons mais agudos, evoca um efeito mais positivo nos ouvintes; motiva, emociona, move, a química cerebral e influencia a conduta. (SEKEFF, 2007, p. 78).

A autora Bréscia (2011) afirma ser a música uma linguagem universal que não precisa ser traduzida. A música fala com as pessoas independentemente de nacionalidade. Através do som e ritmos, uma pessoa que pertença a culturas divergentes pode perceber quando uma música está representando a tristeza ou a alegria. A autora afirma também que a música transpõe as barreiras de tempo e espaço, bem como de línguas e territórios. Sobre atividades com música que proporcionam o bem-estar do ser humano, Bréscia (2011) complementa:

> Participar de coral, conjunto musical ou orquestra é uma atividade especial. Além de favorecer momentos de intimidade, interação, integração, cantar ou tocar algum instrumento em grupo promove um vínculo especial entre as pessoas envolvidas e uma sensação de pertencer que é primordial para o bem-estar do ser humano (BRÉSCIA, 2011, p. 132).

A música também expressa os sentimentos que são evidenciados por um grupo em função da comunidade em que estejam inseridos. A música também está presente em diversos segmentos socioeconômicos. Os indivíduos associam-se em grupos e tendem a compartilhar as mesmas preferências musicais. Por fim, a música

possibilita que pessoas convivam umas com as outras cantando, tocando algum instrumento, satisfazendo as suas necessidades sociais (BRÉSCIA, 2011).

Bréscia (2011) também juntamente com outros autores, afiançam que o som atrai. Prova disso pode-se observar quando um bebê emite sons convidando adultos a irem ao seu encontro. Segundo Bréscia (2011, p. 64), "na infância, produzir sons é uma forma de criar uma intimidade com outros. O som atrai outros e convida-os a tocarem, abraçarem e interagirem". Bréscia (2011) tece relatos que:

> As psicólogas Rozada e Rosário (1996) fizeram um levantamento dos benefícios de cantar em grupos semanais com grávidas. Os benefícios incluíam expressão emocional, alívio de tensão e uma solidariedade grupal poderosa. À medida que as mulheres batiam palmas e manifestavam ritmos musicais, aprendendo músicas folclóricas e canções de ninar, seus bebês pareciam participar da diversão (BRÉSCIA, 2011, p. 46).

Nesse e em outros contextos, a musicoterapia é citada enfatizado os seus efeitos ao utilizar a música, na vida do ser humano. Bréscia (2011) cita sobre uma experiência feita com bebês prematuros que foram divididos em grupo experimental e grupo controle enquanto estavam na UTI para ganharem peso. Bréscia (2011) relata:

> Depois de quatro dias ouvindo homens ou mulheres cantando durante três intervalos de vinte minutos, foi constatado que o cantar diminuiu o batimento cardíaco, aumentou a saturação de oxigênio e reduziu comportamento de angústia nos bebês do grupo experimental, que saíram da UTI três dias antes dos outros e experimentaram aumento de assimilação de calorias e ganho de peso significativos. Os pesquisadores concluíram que vozes femininas e masculinas têm efeitos fisiológicos e comportamentais positivos nos bebês (BRÉSCIA, 2011, p. 46).

O último autor é Sacks (2012) que sendo um neurologista, escritor e químico amado anglo-americano e amante da música, recebeu em seu consultório muitos casos neurológicos que associavam a música, o que o fez lançar entre seus vários livros autorais,

o livro 'Musicophilia'. Renomado professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Columbia teve vários de seus tratamentos clínicos selecionados para filmes que se tornaram famosos. Sacks (2012) defendia entre outras coisas que a música tem o poder de fixar-se no cérebro. Sobre isso o autor afirma:

> A música entrou e subverteu uma parte do cérebro, forçando-o a disparar de maneira repetitiva e autônoma (como pode ocorrer com um tique ou uma convulsão). Um *jingle* publicitário ou a música-tema de um filme ou programa de televisão podem desencadear esse processo para muitas pessoas. Isso não é coincidência, pois a indústria da música cria-os justamente para "fisgar" os ouvintes, para "pegar" e "não sair da cabeça", introduzir-se à força pelos ouvidos ou pela mente como uma lacraia. Vem daí o termo em inglês *earworms* (algo como "vermes de ouvido"), se bem que até poderíamos chamá-los de *brainworms*, ou "vermes de cérebro" (em 1987 uma revista jornalística, para gracejar, definiu-os como "agentes musicais cognitivamente infecciosos"). (SACKS, 2012, p. 53).

Sacks (2012) relata que a dança faz parte do programa de musicoterapia do Hospital Beth Abraham e expõe sobre o efeito positivo da música em seus pacientes pós-encefalíticos e parkinsonianos. "O poder da dança para controlar ou facilitar os movimentos para esses pacientes foi notavelmente demonstrado" (SACKS, 2012, p. 271). E Sacks (2012) complementa:

> Embora a música, sozinha, possa desentravar pessoas com parkinsonismo e qualquer tipo de movimento ou exercício também benéfico, uma combinação ideal de música e movimento é dada pela dança (e dançar com um parceiro, ou em um contexto social, põe em ação outras dimensões terapêuticas). [...] a melhora na mobilidade funcional e na confiança decorrente de um regime terapêutico de dança (SACKS, 2012, p. 270).

Sobre a doença de Alzheimer, Sacks (2012) relata sobre uma idosa de 91 anos que sofria há catorze anos com a doença de Alzheimer. Um dia seu filho comprou um tocador de MP3 com a capacidade de 70 músicas e presenteou a mãe enferma. "Eram todas músicas familiares, que ela reconhecia do tempo de sua juventude" (SACKS, 2012, p. 363). E Sacks (2012) relata que o filho escreveu para ele:

> [...] ela ouve com fones de ouvido e ninguém é perturbado. As histórias cessam, e toda vez que uma nova música começa, ela faz algum comentário do tipo: 'Que beleza!', anima-se e às vezes canta junto. (SACKS,2012, p. 363).

Sacks (2012, p. 12) reflete que "o nosso sistema auditivo, nosso sistema nervoso, é primorosamente sintonizado para a música. E Sacks (2012) encerra:

> Nós, humanos somos uma espécie musical além de linguística. Isso assume muitas formas. Todos nós (com pouquíssimas exceções) somos capazes de perceber música, tons, timbre, intervalos entre notas, contornos melódicos, harmonia e, talvez no nível mais fundamental, ritmo. Integramos isso tudo e 'construímos' a música na mente usando muitas partes o cérebro. [...] Ouvir música não é apenas algo auditivo e emocional, é também motor. "Ouvimos música com nossos músculos", Nietzsche escreveu. Acompanhamos o ritmo da música, involuntariamente, mesmo se não estivermos prestando atenção a ela conscientemente, e nosso rosto e postura espelha, a 'narrativa' da melodia e os pensamentos e sentimentos que ela provoca (SACKS, 2012, p. 363).

Por fim, nesse mundo cheio de exigências e urgências, que a música proporcione o encontro com a verdadeira sintonia da vida. Que as pessoas possam através da experiência musical conseguir apreciar o belo – o fato de estar vivo.

Considerações finais

O século XXI chega com a marca do advento da era digital. Esse mundo contemporâneo constantemente conectado, plugado, plural, trouxe inúmeros estímulos aos indivíduos que promovem busca da satisfação imediata, consumismo inconsequente, necessidade de prazer intenso e instantâneo para coibir as frustrações. Porém, essa busca pela felicidade humana tem revelado pessoas com níveis de estresse e ansiedade que trazem desestrutura aos relacionamentos. Atividades que levem o indivíduo a buscar o equi

líbrio entre todas as coisas têm sido cada vez mais necessárias para aliviar a ansiedade e estresse e alcançar um bem-estar. A utilização da música em diversas atividades é uma dessas possibilidades.

A música é eficiente para a promoção do bem-estar humano, pois influencia os pensamentos, sentimentos, entre outros. Seu campo de atuação afeta o ser humano em diversas áreas como a psicológica, afetiva e emocional. Estudos dos autores selecionados relataram que a música acalma e induz ao relaxamento; que melodias harmoniosas deixam a pulsação cardíaca equilibrada; que desde o ventre materno, até o período do envelhecimento é possível reconhecer a influência benéfica de determinadas músicas assim como atividades com música para a promoção do bem-estar humano.

Essa pesquisa não encerra em si mesma. Deste artigo, outras pesquisas poderão ser realizadas com base no levantamento ou em continuidade ao que se apresentou daqui. O importante é que nesse mundo que exige cada vez mais pressa das pessoas, que haja o tempo de se encantar com a música que agrade o coração e a mente. Deixe a música revelar-se a você.

Referências

ANGELOTTI, Gildo. *Terapia cognitivo-comportamental para os transtornos de ansiedade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

BAUMAN, Z. *A cultura do mundo líquido moderno.* Trad. de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARROS, M. D. M.; ZANELLA, P. G.; ARAÚJO-JORGE, T. C. A música pode ser uma estratégia para o ensino de Ciências Naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. In: *Revista Ensaio. Belo Horizonte,* 2013.Disponível: <http://www. scielo.br/pdf/epec/v15n1/1983-2117-epec-15-01-00081.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

BERK, R. A. Music and music technology in college teaching: classical to hip hop across the curriculum. In: *International Journal of Technology in Teaching and Learning*. v. 4, n. 1, p. 45-67, 2008.

BORGES, D. S. L. *Música na escola: saberes em cantos.* v. 01. 1.ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Editora Brasil Multicultural. 2018.

BORGES, D. S. L.; DAMATTA, R. A. Entre letras e sons: paródia musicalizada, a música como um gênero textual promotor de aprendizagem de Ciências. In: *Revista Philologus.* Ano 22. n. 66 supl. p. 816-32. Rio de Janeiro: CIFEFIL, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.filologia. org.br/revista> Acesso em: 12 out. 2018.

_____. A música e seus desdobramentos sociais, culturais e educacionais. In: GUIMARÃES, Décio Nascimento; AMARAL, Shirlena Campos de Souza (Org.). *Educação, Cultura e Sociedade*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2017. p. 158-81.

_____. Música como estratégia mnemônica: diálogos com a teoria do processamento da informação. In: DEPS, Vera Lúcia; PESSIN, Gisele (Org.). *Psicologia da educação em perspectiva.* Campos dos Goytacazes-RJ: Brasil Multicultural, 2018.

BRÉSCIA, V. L. P. *Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva.* 2. ed. Campinas: Átomo, 2011.

CORDIOLI, A; MANFRO, G. Transtorno de Ansiedade. In: DUCAN, B, *et al. Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária baseada em evidências*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 863-73.

DAMATTA, R. *Notícias da América.* Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

GRANJA, C. de S. E. C. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. 1. ed. São Paulo, 2010.

GATTI, M. F. Z., SILVA, M. J. P. Música ambiente em serviço de emergência: percepção dos profissionais. In: *Rev Latino-Amer. Enferm*., 2007. p. 377-83.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna.* 13. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HATEM, T. P.; LIRA, P. I. C.; MATTO, S. S. S. Efeito terapêutico da música em crianças em pós-operatório de cirurgia cardíaca. In: *J Pediatr*. 2006. p. 186-92

JEANDOT, N. *Explorando o universo da música.* São Paulo: Scipione, 2005.

JOURDAIN, R. *Música, Cérebro e Êxtase. Como a música capta a nossa imaginação*. New York, NY: Harper Press, 1998.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. *Compêndio de psiquiatria: ciências de comportamento e psiquiatria clínica.* 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. O Stress emocional e seu tratamento. Capítulo 28. In: RANGÉ, B. (Org.). *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria.* Porto Alegre: Artmed,2001. p. 475-90.

NUNES-SILVA. M.; MOREIRA, L. C.; MORAES, G. R. J., ROSA, G. T, MARRA, C. A. S. *A música para indução de relaxamento na Terapiade Integração Pessoal pela Abordagem Direta do Inconsciente – ADI/TIP. Contextos Clínicos* 2012; p: 88-99.

SACKS, O. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. Trad. de Laura Teixeira Motta. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SEKEFF, M. L. *Da música, seus usos e recursos.* 2. ed. São Paulo:UNESP, 2007.

SILVA, Marília Nunes *et al. Música para indução de relaxamento na Terapia de Integração Pessoal pela Abordagem Direta do Inconsciente,*2012, ADI/TIP-Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php? script=sci_arttext&pid> Acesso em: 17 nov. 2018.

TAME, D. *O poder oculto da música.* São Paulo: Cultrix. 1984.

ZIMMERMAN, B. J. Development of self-regulated learning: wicharethe key subprocesses? In: *Contemporary Educational Psychology.*V.11, p. 307-13, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

alegria 7, 23, 24, 26, 43, 56, 64, 65, 70, 84

aluno 6, 21, 26, 27, 36, 60

ambiente escolar 7, 18, 22, 27

ansiedade 56, 71, 72, 73, 74, 76, 87, 88

aperfeiçoamento 33

aprendizagem 6, 10, 11, 12, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 63, 78, 89, 94

aprimoramento 13, 66

atenção 22, 37, 61, 65, 87, 89

atividades físicas 5, 7, 53, 62, 63, 65, 66

aula 6, 10, 25, 26, 33, 34, 49, 54, 61, 65, 66

aulas 35, 36, 37, 55, 61, 66, 67

autoconsciência 61

autonomia 32, 50, 51

B

bem-estar 5, 7, 8, 34, 69, 70, 71, 79, 80, 82, 84, 88

benefícios 7, 53, 59, 77, 80, 82, 85

brincadeiras 62, 63

C

coletividade 36

comunidade 13, 33, 84

condições 13, 39, 62, 82

conhecimento 6, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 24, 25, 29, 30, 34, 36, 37, 38, 39, 65, 89

conteúdos 10, 11, 25, 26, 27, 33, 34, 37, 38

crianças 35, 55, 62, 63, 64, 65, 89

D

desempenho 44, 59, 60, 61

desenvolvimento 7, 11, 13, 16, 26, 32, 33, 35, 41, 44, 61, 65, 66, 71

discente 7, 10, 27, 33, 35

disciplina 7, 11, 15, 16, 18, 23, 26, 27, 35, 36, 40, 97

disciplinas 11, 12, 14, 15, 16, 19, 25, 27, 32, 35, 38

docente 6, 18, 33, 34, 35, 37, 49, 97

E

educação física 53, 54, 55, 56, 61, 66

Educação Física 7, 61, 65, 66, 95, 97

educandos 34, 42

emoção 7, 24, 56, 70, 82

ensino 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 36, 53, 55, 65, 66, 78, 88

ensino-aprendizagem 6, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 30, 36

escola 6, 17, 18, 23, 24, 27, 29, 30, 33, 34, 37, 55, 62, 78, 89

escola pública 24, 33

estratégias 25, 28, 65, 71, 76

estresse 55, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 87, 88

estudos 12, 35, 46, 54, 58, 60, 78, 79

exercício 33, 36, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 86

experiência musical 87

expressão corporal 61

F

fenômeno interdisciplinar 13

G

grupos 24, 35, 39, 40, 46, 47, 50, 75, 78, 84, 85

H

habilidades 11, 36, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 66

hábitos 20, 64, 66

I

indivíduos 16, 18, 35, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 59, 71, 75, 76, 81, 84, 87

influência 19, 54, 56, 79, 80, 81, 83, 88

instrumentos 19, 32, 62, 63

integridade 71

inteligência 18, 33

interação 11, 14, 15, 16, 26, 27, 39, 40, 46, 47, 50, 76, 84

interdisciplinaridade 6, 10, 11, 12, 16, 17, 21, 23, 24, 26, 29, 30, 96

interesse 12, 60, 61

internalização 61

intimidade 84, 85

L

liberdade 37, 40, 44, 48, 50, 61

M

melodias 28, 77, 78, 79, 80, 81, 88

memória 11, 21, 22, 61, 77, 78

mente 12, 19, 22, 81, 82, 86, 87, 88

metodologia 10, 11, 13, 14, 15, 24

métodos 17, 65

motivação 7, 24, 26, 53, 54, 60, 67, 70

movimento 30, 33, 35, 56, 61, 63, 64, 65, 66, 81, 82, 86

MPB 7, 32, 39

música 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94

música popular brasileira 32

N

necessidades sociais 85

O

ouvintes 22, 53, 54, 55, 84, 86

P

paródias 11, 25

particularidades 34, 61

pós-modernidade 72, 73, 75

possibilidades 7, 10, 32, 37, 38, 41, 88

prática 16, 29, 30, 33, 34, 49, 51, 58, 66

preferências 21, 58, 77, 84

professor 33, 34, 61, 65, 86, 97

professores 15, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 35, 37, 63, 64, 65, 66, 88

R

reações emocionais 63

recurso 5, 7, 23, 25, 26, 27, 31, 76, 83

reflexão 7, 13, 26, 33, 35, 40, 42

relaxamento 8, 70, 76, 79, 84, 88, 90

respostas corporais 74

resultados 8, 14, 27, 54, 58, 61, 70

S

saberes 32, 34, 35, 51, 89

sala de aula 6, 10, 25, 26, 33, 34, 49, 65, 66

satisfação 7, 61, 70, 82, 87

segurança 61, 78

sentido 11, 15, 16, 20, 21, 26, 27, 42, 45, 49, 58, 76, 77, 82, 83

sentimentos 7, 21, 43, 56, 66, 70, 71, 74, 77, 78, 79, 83, 84, 87, 88

significação 76

significado 25, 65, 76, 77

sistema 38, 65, 78, 82, 84, 87

sociedade 7, 13, 17, 18, 19, 32, 35, 36, 38, 40, 42, 46, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 62, 71, 73, 74, 76, 77

sons 64, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 89

V

vida moderna 5, 7, 31, 74

SOBRE A ORGANIZADORA E O ORGANIZADOR

Dayse Sampaio Lopes Borges

Doutoranda e Mestra em Cognição e Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF (2018); especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), graduada em Ciências, Faculdade de Filosofia de Itaperuna, RJ, FAFITA, (1993) graduada em Ciências Biológicas, habilitação em Biologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, ES, FAFIA (1999). Professora efetiva nas Secretarias Estaduais de Educação do Espírito Santo (desde 1992) e Rio de Janeiro. Tem formação pela Escola de Música Cristo Rei (Conservatório Brasileiro de Música) em Piano Clássico, Canto Coral, Harmonia e Teoria Musical. Tem experiência na área de Biologia, Ciências Biológicas, Matemática e Música. Pesquisa a importância da música associada a metodologias ativas para a aprendizagem de Biologia e Ciências Biológicas com viés interdisciplinar.

E-mail: *dayseslborges@gmail.com*

Thiago Soares De Oliveira

Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atualmente é Professor da Licenciatura em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) do Instituto Federal Fluminense, bem como da Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, atuando na linha de pesquisa "Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)". É pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens do Instituto Federal Fluminense com experiência em Letras e ênfase nas seguintes áreas: Tradição gramatical da Língua Portuguesa, Linguística Clássica, Linguística Histórica, História da Língua Portuguesa e Metodologia de Pesquisa.

E-mail: *so.thiago@hotmail.com*

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Alcemar Antonio Lopes de Matos

Possui graduação em Medicina pela Universidade Iguaçu Campus V Itaperuna-RJ (2005), Pós-graduado em geriatria e gerontologia interdisciplinar pela Faculdade de Medicina de Campos (Fundação Benedito Pereira Nunes), Mestrado e Doutorado profissionalizante em Terapia Intensiva pela Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva (2014). Atuação em Clínica Médica, Pediatria e Geriatria. Médico Intensivista no Hospital São Vicente de Paulo (2006-2010), Clínica Médica, Pediatria, Geriatria na policlínica Columbino de Moraes Teixeira Reis e Hospital São Vicente de Paulo (2007-atual), Médico Intensivista e Pediatria no Hospital São José do Calçado -ES (2007 atual) e atual diretor técnico do mesmo (2017), atuação em urgência e emergência no pronto socorro de Bom Jesus do Itabapoana-RJ, Unidade de Pronto Atendimento de Itaperuna-RJ (sala Vermelha / Pediatria), Diretor Técnico do Hospital São Vicente de Paulo (2014), Clínica médica/pediatria e atual diretor técnico no Hospital José Monteiro (2017) e atendimento no Programa de Saúde da família (posto de atendimento Dr. Valdir Nunes). Professor Universitário na Faculdade Metropolitana São Carlos (2015-atual).

E-mail: *alcimamatos@hotmail.com*

Fernanda Castro Manhães

Pós-doutorado em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF; Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção - UAA (Revalidação UFAL), Mestrado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF. Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Educação Física. Atualmente é Diretora Acadêmica da Faculdade Metropolitana São Carlos - FAMESC, unidade de Bom Jesus do Itabapoana. Desenvolve pesquisas nas áreas de Envelhecimento Humano, Educação Básica, Ensino Superior e Práticas Educativas. Editora chefe da Revista Científica

Interdisciplinar Linkscienceplace - ISSN: 2358-8411. Avaliadora Institucional de Cursos de Graduação INEP/MEC.

E-mail: *castromanhaes@gmail.com*

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Professor Associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).Coordenador da Pós-Graduação (Mestrado & Doutorado) Interdisciplinar em Cognição e Linguagem (PGCL/ UENF) desde março de 2008. Pós-doutorando em Sociologia Política - PPSP/ UENF, Doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). Mestrado em Educação, pós-graduação em gerência de informática e pós-graduação em produção de software (UFJF). Bacharel em Direito, Licenciado em Pedagogia (UNISA) e Bacharel em Informática (CES/ JF). Ex Diretor da Rede Folkcom, Avaliador de cursos do Conselho Estadual de Educação (CEE/RJ). Avaliador de cursos e institucional do INEP/MEC, desde 2004. Avaliador Ad hoc CNPq. Associado a CEAD, ABED, INTERCOM, ABCIBER, ANINTER e a SBC. Atuou como Diretor Acadêmico em Universidade Privada. Tem experiência nas áreas da Educação (Gestão, Politica Educacional, Pesquisa Educacional e Tecnologias da Informação e da Comunicação, EAD), Ciência Jurídica (Lógica Jurídica, Metodologia da Pesquisa, Direito Informático e Crimes Virtuais) , Administração (SiG/ Gestão de Processos/ Gestão da Informação, Logística, Marketing e Gestão Empresarial), Inteligência Coletiva, entre outras. Autor de vários livros e artigos científicos nas áreas de TICs, Educação e Ciberespaço e interdisciplinaridade.

E-mail: *chmsouza@gmail.com*

Maria de Lourdes Ferreira Medeiros de Matos

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2007), Mestrado Profissionalizante em Terapia Intensiva (2014) pela Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva - SOBRATI, Curso de Especialização em saúde Coletiva, em nível de pós-Graduação Latu Sensu pelo Instituto Superiores de Ensino do Censa (2008),Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira-UNIVERSO (2010) e Curso de Pós-Graduação Latu Sensu em Gerontologia e Geriatria Interdisciplinar pela Fundação

Benedito Pereira Nunes- Faculdade de Medicina de Campos (2010), Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual Norte Fluminense - UENF. Atuação, Psicóloga hospitalar no Hospital São Vicente de Paulo, Psicóloga Clínica na Policlínica Bonjesuense, Professora universitária e Coordenadora geral da disciplina IETC - Integração Ensino-Trabalho-Cidadania-Prática Clínica I, da Faculdade Metropolitana São Carlos - FAMESC, Bom Jesus do Itabapoana-RJ, com experiência em Psicologia na área de Saúde e Educação com ênfase em Psicologia Hospitalar.

E-mail: *mlourdes.psi2@gmail.com*

Vinicius da Silva Freitas

Graduado em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira-UNIVERSO (2017), Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2018), Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2018), Graduando de Fisioterapia pela Faculdade São Camilo e Mestrando em Ciências, Tecnologia e Educação. Já atuou como docente em Educação Física na Rede Municipal de Itapemirim e atualmente é docente de Educação Física da Rede Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES e pesquisador da área de Saúde e Educação.

E-mail: *viniciuscarvalho34@hotmail.com*

Wallace da Silva Mello

Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. Especialista em Política Brasileira (UNIFSJ) e Graduado em História (UNIFSJ). Já lecionou no Instituto Federal Fluminense Idelfonso Bastos Borges em Bom Jesus do Itabapoana-RJ e no Pré-Vestibular Social do CEDERJ-RJ. Atualmente é professor de História na rede estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência e interesses nos seguintes temas: História do Brasil Republicano, Forças Armadas no Brasil, Sociologia Brasileira, Política Brasileira, Pensamento Social Brasileiro, Sociologia Urbana.

E-mail: *wallace_sm89@hotmail.com*

www.pimentacultural.com

A MÚSICA E SEUS (EM) CANTOS NA EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

pimenta cultural